LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas2012inst

LAP

UNITAS

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 2 7 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

MENÇÃO DO NOME DE DEUS

A SIMPLES MENÇÃO DO NOME DE DEUS
NUMA HORA TRISTE E ESCURA
PODE AQUECER, COM A PAZ, UM CORAÇÃO
AFLITO
PODE ILUMINAR O DIA ESCURO

A SIMPLES MENÇÃO DO SEU NOME
PODE REVIVER A ESPERANÇA
E CONDUZIR OS PASSOS POR SENDAS
BRILHANTES
PELO SEU PRÓPRIO AMOR E PODER!

	Pág.	
Hora profícua	3	Miguel Rizzo
O outro Natal	7	L. B.
Conheça a sua Bíblia	11	Júlio Andrade Ferreira
Quem é o perturbador de Israel?	20	Rosalee M. Appleby
Os apelos de Albert Schweitzer	23	
Curiosidades musicais	35	M. R.
O momento religioso no Brasil	40	Oscar Arruda
Profecias que se cumpriram	40	Red.
Prodígios e falhas da memória	42	Miguel Rizzo

PREÇO: 10,00

ANO 20 — N.º 12

DEZEMBRO — 1958

• Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

• Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

• Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostaríamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

• Pedimos também seu auxílio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a título de experiência.

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.
Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:
Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alcen Maynard Araújo, Odilon Nogueira de Matos, Mário Barreto França, José Borges dos Santos Jr. e Samuel Figueira

EXPEDIENTE

O *Rev. Miguel Rizzo Júnior*, Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual .. .. .. Cr$ 100,00
Número avulso .. .. .. " 10,00

Sócios do Instituto:
Mensalidade —
Interior .. .. Cr$ 20,00
S. Paulo, Rio, Recife .. " 25,00

Endereço:
Rua Barão de Tatuí n.º 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499
SÃO PAULO — BRASIL

HORA PROPÍCIA

MIGUEL RIZZO

O psicólogo Emile Boirac, Reitor da Academia de Dijon, numa obra que foi recomendada pela Academia das Ciências, compara a atitude de certos pensadores do século XIX à de um pássaro que tendo experimentado suas azas, imaginasse que poderia voar até às estrelas[1]. Essa comparação caracteriza bem as tendências dominantes dos cientistas da época em que começaram a se desenvolver as ciências positivas. A arrogância que encarnavam era incomensurável. Tendo descoberto alguns dos segredos da natureza, julgaram que em pouco tempo devassariam todos os mais.

Como era de esperar, essa mentalidade produziu ataques fortíssimos contra a religião, procurando revestí-los de aparências muito lógicas. Segundo prova a ciência, afirmavam êsses pseudo sábios, a mente humana só conhece fenômenos. Tôdas as descobertas científicas da época giravam em tôrno de fatos que poderiam ser observados e reproduzidos experimentalmente.

A conclusão que se tirou dêsses raciocínios era esta: desde que nossos conhecimentos são limitados a êsse campo, é evidente que não tem a inteligência humana capacidade para conhecer a Deus. O raciocínio é superficial, mas teve ampla repercussão graças ao fenomenalismo de Ritsche e ao positivismo de Comte. Êsse foi muito além dos seus contemporâneos nos ataques à religião, quando afirmou que a humanidade podia conduzir a Deus até às fronteiras do mundo e então

despedir-se dêle com agradecimentos pelos serviços provisórios que êle prestara à humanidade[2]. É muito grande a lista dos pensadores incrédulos que com arrogante desenvoltura arrazavam os conceitos da fé. Houve mesmo um momento em que o materialismo ameaçou dominar o pensamento humano.

Um dos fenômenos mais interessantes que se observam no mundo intelectual de hoje é a notável mudança que os sábios têm assumido para com a religião. Aquela fase de ataques implacáveis por parte dêles já não existe. Os sábios, que realmente merecem tal nome, assumem hoje atitude muito diferente daquela na apreciação dos fatos religiosos.

Um cientista dos que mais renome grangearam no período da primeira guerra mundial foi Alexis Carrel. Os da geração anterior procuravam explicar os fenômenos da mente como secreções do cérebro. Era um absurdo, mas houve quem se batesse para defendê-lo. Eis o que Alexis Carrel diz sôbre o assunto: "A explicação dum fenômeno psicológico em termos de fisiologia celular ou de mecânica eletrônica não passa dum jôgo verbal. E contudo, os fisiologistas do século dezenove, e os seus sucessores que ainda permanecem entre nós, cometeram êsse êrro, tentando reduzir o homem inteiro à físico-química"[3]. Êsse famoso cientista foi muito além na apreciação dos fenômenos do mundo espiritual. Não sabemos mesmo que choque levariam os agnósticos do passado que viviam orgulhosamente satisfeitos com as explicações materialistas do mundo quando lessem êste trecho escrito por Alexis Carrel: "Certas atividades espirituais podem ser acompanhadas de modificações, tanto anatômicas como funcionais, dos tecidos e dos órgãos. Observam-se êsses fenômenos orgânicos nas circunstâncias mais variadas, entre elas no estado de oração. É preciso entender por oração, não a simples recitação maquinal de fórmulas, mas uma elevação mística, durante a qual o espírito fica absorto na contemplação do princípio imanente e transcendente do mundo. Êsse estado psicológico não é intelectual, e os filósofos e os homens de ciência não o podem compreender, nem atingir. Mas dir-se-ia que os simples podem sentir Deus tão fàcilmente como o calor do sol ou a bondade dum amigo. A oração que é acompanhada por efeitos orgânicos apresenta certos caracteres particulares. Em primeiro lugar, é completamente desinteressada; o homem oferece-se a Deus tal como a tela ao pintor ou o mármore ao escultor. Ao mesmo tempo pede-lhe a graça, expõe-lhe as suas necessidades, e principalmente as dos seus semelhantes. Em geral

não é aquêle que pede por si próprio que recebe a graça, mas sim aquêle que pede pelos outros. Esta forma de oração exige, como condição prévia, a renúncia a si próprio, isto é, uma forma muito elevada da ascese. Os modestos, os ignorantes, os pobres, são mais capazes dêste abandono do que os ricos e os intelectuais. Quando possui estas carateristicas, a prece pode produzir êsse estranho fenômeno que é o milagre" (4).

Êsse é apenas um testemunho da ciência a favor da fé. Depois de Alexis Carrel aparecem as obras de um companheiro seu de pesquisas cientificas no Instituto Rockfeller de Nova York. É o sábio Lecomte du Nouy. Evolucionista convicto, depois de perseverantes estudos examinando fatos, chega a algumas conclusões muito favoráveis à religião. Defende êle a idéia do anti-acaso. Como chegou a essa convicção? É que examinando cuidadosamente os fatos da natureza percebeu que há nela uma certa finalidade inegável. Ora, descobrindo êsse fenômeno foi levado a crer que há atraz de tudo o que se verifica no mundo natural, uma inteligência que organizou as coisas de modo que elas realizem os fins pelos quais existem. Essa tese Lecomte du Nouy a demonstra com superabundância de argumentação. Ela, sem dúvida nenhuma está muito distante das teorias que os materialistas haviam formulado tentando eliminar do mundo a idéia de um criador.

Êsse cientista foi além. Depois de descrever a evolução que se verifica no mundo fisico, passou a tratar da finalidade que deve existir no mundo moral. A semente lançada no solo evolui até formar o tipo de planta que ela representa. Essa evolução pode ser acompanhada nas suas várias fases, sempre marchando para a conformidade com o tipo especifico. Coisa semelhante se observa no embrião animal.

Admitindo que haja uma evolução moral, Lecomte du Nouy pergunta qual será o tipo padrão para êsse processo evolutivo. Eis como êle se expressa: "Deve cada homem procurar aproximar-se, na medida dos seus meios, do ideal humano mais perfeito — para nós é Cristo —, não apenas com o fim egoista de alcançar a paz da alma, a felicidade interior e a imortalidade pela integração na obra divina, mas com o fim de contribuir para essa obra, de preparar o advento da raça superior prometida pela evolução".

Estamos, pois, diante de um sábio que defende ardorosamente duas teses inteiramente favoráveis à religião. Como vimos, não aceita êle que êste mundo seja produto do acaso. Aceitando a evolução quando a aplica ao

mundo moral reconhece que o tipo perfeito para onde ela deve marchar é a pessoa de Cristo.

Como estamos longe das críticas sistemáticas que se faziam contra tudo quanto fôsse artigo de fé. Há dois fatos ainda que indicam bem como a tendência nova de apreço à religião é ampla.

Uma obra bem caraterística de Lecomte du Nouy, a que se intitula "O Futuro do Espírito" teve só na França, quarenta e duas edições. Isso mostra como o público recebeu com satisfação as novas doutrinas relativas à relação que deve existir entre a ciência e a fé. Outro livro seu, o que se intitula "A Dignidade Humana", recebeu esta apreciação do Dr. Roberto Milikan "Prêmio Nobel de Física" e Presidente do Conselho Executivo do Instituto Politécnico da California; "Êste livro é de um alcance e de uma penetração tão fundamentais que não é fácil aparecerem mais do que um ou dois como êle no curso de um século". Como é fácil de ver, essa apreciação é muito significativa em favor das afirmações que estamos fazendo: a de que a atitude da ciência moderna para com a fé distancia-se incomensuràvelmente da que foi assumida por alguns escritores do século passado, aqueles que proclamavam que existia incompatibilidade absoluta entre religião e ciência. Temos aí dois dos mais famosos sábios da geração contemporânea exaltando fatos que favorecem a religião e foram largamente aplaudidos por outros sábios que pensam como êles.

Um fato é preciso ser agora bem sublinhado. Não era apenas a arrogância de certos pseudo sábios que explicava seus ataques à religião. Também ela tinha culpas. As doutrinas que se pregavam apresentavam-se, como ainda hoje em certos meios se apresentam, em forma dogmática sem prova alguma capaz de satisfazer um espírito inquiridor.

A conclusão que podemos tirar do que vimos expondo é esta: existe uma tendência muito acentuada hoje para apreciar a religião. É, todavia, de suprema importância que os guias espirituais saibam apresentá-la de modo que mereçam o respeito dêsses mesmos sábios que hoje simpatizam com ela. É preciso lembrar que estamos numa época

O OUTRO NATAL

"E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos e deitou-o na manjedoura, porque não havia lugar para êles na estalagem".

O nascimento de Jesus assinala a intervenção direta de Deus na história humana. É um acontecimento incomparável. O mundo tornou-se diferente com o nascimento de Jesus. Não estranha, pois, que a humanidade tôda festeje e cante êsse acontecimento. O Natal é o tema dos poetas, dos filósofos, dos teólogos. É a alegria dos que sonham com um mundo melhor. É a oportunidade dos exploradores que ganham lucros extraordinários nos negócios que fazem. O acontecimento presta-se a usos diversos, mesmo aqueles que fercm, de frente, o espírito da data.

Por estranho que pareça, o Natal é a festa dos ricos e abastados, e a oportunidade dos pobres e miseráveis. Os ricos fartam-se em banquetes que nem de longe lembram a cena do nascimento de Jesus. E os pobres recebem migalhas, benefícios e muitas ilusões passageiras.

Contudo, o Natal é, essencialmente, a festa dos pobres. Não sòmente a festa. É a esperança dos pobres. A esperança de que algum dia os pobres hão de construir um reino onde exista justiça, eqüidade e satisfação para todos. O nascimento de Jesus assinala a hora da classe pobre. Jesus nasceu como um miserável para elevar os miseráveis. É o cristianismo do menino de Belém que vai elevar a classe pobre e trabalhadora. Não é o comunismo. O comunismo é a transformação de alguns pobres em ricos, de alguns dominados em dominadores. É uma mudança de classe no poder. O cristianismo não é uma mudança de classe, nem a transformação da classe pobre na classe rica. O cristianismo é a elevação dos pobres e miseráveis à condição de dignidade. Jesus foi pobre do nascimento à morte. Os pobres não poderiam ter melhor companhei-

ro nem melhor redentor. Alegrai-vos, pobres, pois tendes como vosso companheiro o maior homem que já passou por esta terra! O cristianismo é a revolução dos pobres, dos miseráveis, dos desprezados, dos deserdados, dos párias, da patuléia da rua e dos morros e favelas.

Não foi por acaso que Jesus não nasceu no palácio. Êle nasceu na estrebaria, como nascem os pobrem. Os maiores benfeitores da humanidade nasceram em circunstâncias semelhantes. Deus tornou-se pobre quando deu aos pobres da terra o que de melhor e mais rico possuia: o seu filho único.

O cristianismo foi tomado pelos ricos e poderosos e transformado em arma contra os pobres. Tornou-se um narcótico para os ricos que vêem nêle um excelente processo de aplacar os gritos da consciência na prática de uma caridade de calendário.

Mas a revolução dos pobres está em marcha. É a revolução empreendida por Jesus. Uma revolução sem armas, sem ódio, sem ambições. Desde que Jesus nasceu na estrebaria de Belém, os pobres tomaram consciência do seu destino. O mundo de amanhã será o mundo dos pobres: dos que não têm poder, nem ódio, nem ambições. Dos que pretendem construir um mundo novo pela fôrça irresistível do seu sacrifício.

Jesus empreendeu uma revolução com os pobres. Seus primeiros discípulos eram pobres. Seus seguidores fiéis são pobres. Êle mesmo disse que aos pobres se anuncia essa boa nova. O cristianismo é o grito de esperança dos pobres.

O cântico de Maria não foi mera figura de retórica: "Com o seu braço operou valorosamente: dissipou os soberbos no pensamento dos seus corações. Depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos". Êsse cântico profético ainda não foi, totalmente, cumprido. Algum dia o será. Foi a mãe de Jesus quem profetizou essa tremenda revolução na história da humanidade.

Resta-nos compreender a verdade dêsse cântico profético e apressar seu total cumprimento.

L. B.

* ★ *

SÊNECA

Essa palavra vem do latim **senex**, velho. Isidoro, filósofo neo platônico de Alexandria afirma que o nome foi dado ao célebre pensador de Roma porque "êle nasceu com cabelos brancos".

OS PASTORES DAS MONTANHAS DE BELÉM

JOÃO DIAS DE ARAÚJO

O' pastôres que estais umedecidos
Pelo orvalho da noite peregrina!
Vinde dos vossos montes solitários
Onde vistes o sol da luz divina!

Deixai vossas ovelhas a dormir
No capim verde e quente das campinas!
Vinde pelas veredas sinuosas,
Que serpeiam no corpo das colinas!

O' pastôres dos pés descalços, frios,
Pisando as relvas tenras do caminho,
Contai-nos como o anjo apareceu,
Entre as estrêlas cheias de carinho!

Descei dessas montanhas orvalhadas
Para outra vez contar à humanidade,
A visão celestial de mil arcanjos
E o cintilar de Deus na eternidade.

Vinde, porque parece que êste mundo
Já não crê no menino que nasceu.
Naquele que vós vistes sôbre as palhas,
Na vil estrebaria de um judeu.

Trazei do cume azul dos altos montes,
As brisas matutinas do Natal,
As auras que abrirão nos corações,
As pétalas fechadas pelo mal.

* * *

OUÇAM

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

pela RÁDIO GUARANI, BELO HORIZONTE, todos os sábados às 19,05 horas, ondas longas, na freqüência de 1.340 kc.

Uma mensagem de desafio e despertamento para o coração evangélico do Brasil, pelo pastor

José Rego do Nascimento

CONHEÇA A SUA BÍBLIA

Júlio Andrade Ferreira
Reitor do Seminário Presbiteriano
de Campinas

(Iniciamos, nesta edição, o curso preparado pelo Prof. Júlio Ferreira. Se os leitores acompanharem o curso com cuidado terão ao fim adquirido utilíssima cultura bíblica)

1.ª LIÇÃO

INTRODUÇÃO AO CURSO

O presente curso visa apresentar a Bíblia aos alunos. Pode parecer, à primeira vista, uma afirmação sem propósito a que aí vai. Pois, não é verdade que todos os professôres de E.D. visam o mesmo propósito? Cursos de Bíblia não há sempre e em tôda parte nos meios evangélicos? Sim.

O presente curso, porém, visa apresentar a Bíblia no seu escôpo geral, incluindo um plano de leitura da mesma, que leve o aluno a lê-la numa ordem em que as circunstâncias históricas sirvam de moldura ao ensino

da Palavra. A primeira parte não apresentará maior novidade, mas o testemunho de vários alunos é de que, à medida que o curso caminha, representa uma contribuição real à compreensão da Escritura. Animados por êsse propósito é que permitimos fôsse êle gravado a fim de ser mimeografado como ora acontece.

O curso é de caráter popular. Ninguém que pretenda erudição deve dar-se ao trabalho de ler estas páginas. Para isso há livros, principalmente em língua inglesa. Pensamos em crentes, alunos da E.D. e que têm já um certo lustro de conhecimento bíblico, por leitura feita na Bíblia, bem como por sermões e lições ouvidas através de sua experiência cristã. O que acontece é que os crentes, mesmo depois de algum tempo de Igreja, não têm a necessária visão do arcabouço bíblico, tão necessário à compreensão das partes. Insisto sobretudo na ordem conveniente à leitura bíblica.

Êste curso visa levar o aluno a ler a Bíblia. Queremos ajudá-lo nesta tarefa. De modo algum desejamos substituir a Bíblia. Assim sendo, consideramos absolutamente necessário o esfôrço do aluno de fazer as leituras indicadas. Dando, às vêzes, numa lição, livros inteiros da Bíblia não entramos em pormenores. Supomos que o aluno passe por êles, mas não se perca entre êles, exatamente porque estabelecemos aqui um roteiro.

E tôda lição haverá um gráfico, representando:

a) a marcha dos acontecimentos;
b) as palavras chaves;
c) os textos indicados.

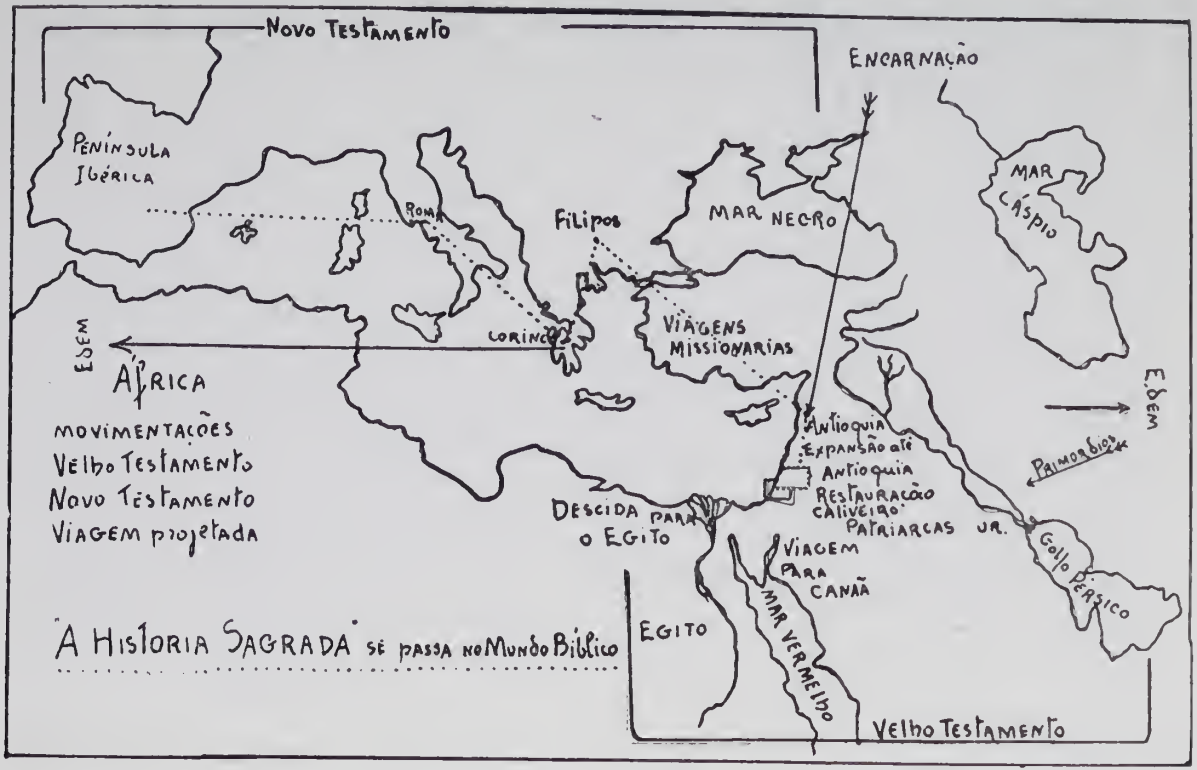
O gráfico é explicado inicialmente. Comentamos depois as palavras chaves. Supomos que os alunos procorram durante a semana os textos indicados.

Depois da explicação, vem a aplicação espiritual.

Não podemos perder de vista que a Bíblia é a Palavra de Deus. Só como Palavra de Deus deve ser lida e estudada. De Eden a Eden corre a história da ação vivida entre os homens. A Bíblia é o único livro que vai de princípio (porque começa no comêço das coisas criadas) a fim (porque termina na consumação do mundo).

À margem êsses extremos que representam a inscrção do tempo na eternidade, temos a História Sagrada, que pode ser sintetizada em três palavras: Israel — Cristo — Igreja.

O quadro para esta primeira lição representa a parte do globo terrestre onde se desenrolou o drama divino. Chamamos a êste mapa: "O mundo bíblico".


Novo Testamento
Encarnação
Península Ibérica
Roma
Filipos
Mar Negro
Mar Cáspio
Corinto
Viagens Missionarias
Edem
África
Movimentações
Velho Testamento
Novo Testamento
Viagem projetada
Antioquia
Expansão até
Antioquia
Restauração
Caliveiro
Patriarcas
Ur.
Primordios
Golfo Persico
Descida para o Egito
Viagem para Canaã
Mar Vermelho
Egito
A Historia Sagrada se passa no Mundo Biblico
Velho Testamento

O quadro anexo representa, pois, o mundo bíblico, isto é, a parte da terra onde se passaram acontecimentos narrados na Bíblia. Não uma história passada na lua, no ar, nas nuvens, mas na terra mesmo; com gente mesmo.

A marcha dos acontecimentos bíblicos, como o movimento do sol, vai do oriente para o ocidente. A primeira parte da Bíblia narra acontecimentos que se deram no oriente: Eden, Dilúvio, Babel.

Eden, Dilúvio, Babel são eventos que se deram no oriente, mas o dizer exatamente qual foi êste oriente é problema de pré-história e o nosso objetivo aqui não é discutir pré-história mas apenas verificar a significação espiritual dos eventos mencionados. Prosseguindo, em rápido esbôço, diremos que no mapa do mundo bíblico surge a Ur dos caldeus de onde saiu Abraão. Êste é o ponto de partida da história do povo israelita cuja significação é especial. Há u'a marcha para Canaã.

Depois de Abraão e de seus descendentes Isaque e Jacó, vem a sua família a descer para o Egito, no tempo de José, onde permaneceu cêrca de 400 anos e se constituiu em povo. O Egito tentou dominá-lo, mas Deus o protegeu e o tirou dali "com mão forte", como nos diz a Escritura. Seguem-se os lances da história: Mar Vermelho, Sinai, Deserto, até às portas de Canaã.

Tôda esta história está narrada num conjunto de livros da Escritura que se costuma chamar o Pentateuco.

Depois de uma fase em que Israel vive como povo independente há como que um retrocesso no mapa com a volta do povo à Caldéia, no Cativeiro. De novo se movimenta êle para a Palestina que é o ponto central e dominante do mundo bíblico. É a restauração. Aí termina o V.T.

Todo o movimento do oriente até a Palestina já descrito no V.T. é seguido de outro da Palestina ao ocidente, no N.T.

Pensando no N.T., temos o ministério de Jesus, a Igreja primitiva em Jerusalém, o início da expansão dela até Antioquia; depois, a 1.ª viagem missionária de Paulo até a Ásia Menor; segue-se a 2.ª viagem até Macedônia e Acaia, o que de certo modo se repete na 3.ª.

Paulo é preso em Jerusalém; grande viagem faz êle, como prisioneiro, em direção a Roma, a grande capital.

Ora, numa das suas cartas fala êle de sua pretensão de ir até à Espanha, o extremo ocidente do novo mapa e do mundo conhecido nos tempos bíblicos.

Se o V.T. é a marcha do oriente até o centro do mundo bíblico que é a Palestina, o N.T. é u'a marcha, a partir da Palestina até certos pontos mais extremos do ocidente.

Cremos que os esquemas e dísticos do mapa são bastante claros como representação gráfica do que acabámos de expor.

Acompanharemos tôda a história bíblica que se desenrola nesse cenário, do oriente para o ocidente, dovelho para o novo testamento. Embora mal identificado, suspenso no espaço, sabemos com certeza que houve um Edeninicial; a visão de João na Ilha de Ptmos nos mostra outro Eden, o Eden final, suspenso no tcmpo. Entre êles, a "história bíblica" que se passa no "mundo bíblico".

Não é possível estudar tudo isto de uma só vez.
A primeira lição que virá será naturalmente sôbre o livro de Gênesis.

* * *

2.ª LIÇÃO

ESTUDO DE GÊNESIS: PRIMÓRDIOS

O Plano de Gênesis:

O estudo do livro de Gênesis pode ser feito em três partes:

a) Primórdios (caps. 1 - 11);
b) Patriarcas (caps. 12 - 36);
c) Descida para o Egito (caps. 37 - 50).

Uma breve palavra sôbre cada um dêsses períodos:

O Período dos primórdios se resume em três palavras: Eden, Dilúvio e Babel.

O período dos patriarcas (tomando-se a palavra em sentido restrito) também se resume em três palavras: Abraão, Isaque e Jacó.

O período da descida para o Egito, inclui a biografia de José. O vulto dominante é um só ,mas podemos dividir sua vida em três fases:

a) Antes do Egito;
b) Antes da exaltação;
c) Antes da morte.

O livro de Gênesis se resume pois em nove expressões.

Não estou interessado, agora, em analisar as duas últimos partes de Gênesis, mas desejo chamar a atenção especìficamente para a que vai do cap. 1.º até o cap. 11. É o período dos "primórdios".

Quanto a êste período inicial, de 1 a 11 de Gênesis, o período dos "primórdios" como nós o chamámos, nós o dividimos em três fases, como consta do esquema: Eden, Dilúvio, Babel. Vamos tomar nossas Bíblias e abrir nêsses primeiros capítulos de Gênesis.

Estou designando pela palavra Eden não apenas a criação geral e a criação do homem, mas também a descrição do Eden, da Queda, a mensagem aos descendentes imediatos de nossos primeiros pais, até o cap. 5, em que há uma Genealogia. Tal é o que estou querendo englobar nesta Palavra Eden, 1 até o 5.

A fase do Dilúvio, vai do cap. 6 ao 10. Além da narração referente à corrupção geral do gênero humano e o anúncio do dilúvio, conta-se como Noé e sua família entram na arca e como descem as águas do dilúvio. Há experiências de Noé para ver se realmente já a arca repousava em terra, até que sai da arca. No cap. 9 há menção do Pacto que Deus fêz com êle e alguma narrativa subseqüente sôbre sua biografia. No cap. 10, seus descendentes, o que constitui nova genealogia.

Interessante que tanto a 1.ª parte como a 2.ª, se encerrem com genealogia. Antes, a genealogia até Noé; aqui é a genealogia a partir de Noé.

A história de Babel está no cap. 11. A terra tem a mesma língua; dá-se a confusão de línguas e conseqüente fracasso da humanidade em entender-se. Não há por ora, necessidade de maior análise.

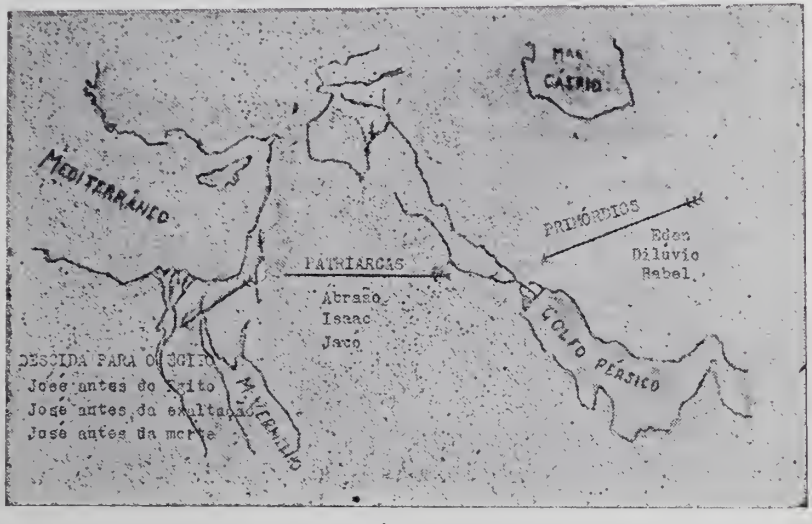
Fique esta observação de importância: os 11 primeiros capítulos de Gênesis constituem uma parte distinta do livro, e uma fase distinta da história. São os primórdios, os princípios de tôdas as coisas. Do cap. 12 em diante, inicia-se pròpriamente a história do povo de Israel, pela história dos patriarcas. Abraão é o ponto de partida.

Além da rápida análise e indicação dos capítulos que contêm êstes informes, desejamos apresentar o sentido espiritual desta parte da Escritura. Aqui se fala do céu e da terra. Mas, imediatamente a atenção se volta para a terra. Embora Deus seja o Criador de tôdas as coisas, a Bíblia não é uma revelação de tôdas as coisas. Por quê? Porque a Bíblia não foi escrita para o habitante da Lua, nem de Júpiter, mas foi escrita para o habitante da Terra.

É verdade que Deus é o Criador de tôdas as coisas que estão além, mas a Bíblia vem nos trazer u'a mensagem a nós, os habitantes da terra. A Bíblia é a história dos homens, de seu pecado, e da salvação para o seu pecado. Há uma espécie de concentração aí. Deus criou luz, água, expansão, plantas, animais, dos ínfimos aos superiores. Por fim fêz o homem, criado à Sua imagem e semelhança. Pois bem. Assim como a Bíblia, como há pouco vimos, cuida da terra e não dos céus, deixando de ser Astronomia, assim também cuida do homem e não das plantas e dos animais, deixando de ser ovologia ou Botânica.

A respeito do homem se diz que êle foi colocado no Paraíso, que Deus lhe deu uma companheira, que êle caiu: houve a queda. Os efeitos da queda logo se fizeram sentir. Um irmão mata o outro. Há referências, no próprio cap. 4, aos descendentes de Caim que se notabilizam pela sua maldade. E informações a respeito do homem. A muitas perguntas, porém, a Bíblia não responde: qual é a altura de Adão? Ou de Caim? Ou de Abel? Qual era sua raça, seu grau de cultura? Qual a situação humana do ponto de vista da Química, da Física, da Biologia, da Psicologia, da Sociologia? A Bíblia não o diz. Não se preocupa com isto. Não discute o problema do índice facial ou craniano. O Grande Autor não ignora as conquistas da ciência, mas... A Bíblia não é um livro de Química, de Psicologia ou de Sociologia. Não! Ela está faalndo do homem, mas do homem em sua relação para com Deus. A Bíblia é, antes de mais nada, Teologia mesmo, porque está analisando a significação espiritual do homem. Tal é a grande missão destas páginas. O problema da relação do homem com Deus é algo de gravidade extraordinária.

Podemos imaginar Adão, Eva, Caim, Abel, Lameque, Matusalém, etc., todos os nomes mencionados nestes primeiros capítulos, como girando em tôrno do verdadeiro centro que é Deus. A história seria outra. Ora, nós sabemos que houve descentralização. Caim, que é um tanto típico da história, resolveu ser, êle, o centro; queria que Abel girasse em tôrno dêle. É o



que se chama pecado. Pecado é egocentrismo. É o caso de se perguntar: quem é que não é pecador? Cada um de nós é o centro do muudo. E infelizmente cada qual é o centro não só com os olhos físicos, mas cada qual é o centro no sentido pecaminoso: tantas vêzes o temos sentido.

Permaneça a lição espiritual: o perigo da falsa centralização, da egocentralização. Deus, quando fêz o homem, não foi para que êle pretendesse ser o centro, mas para que girasse em tôrno do centro que é Deus. O resultado aí está.

Deus viu a corrupção dos homens e fêz solene advertência: os homens não deviam continuar com espírito egocêntrico. Mas, qual o que! Apesar de avisos divinos, apesar de providência tomadas, nós temos a história do dilúvio, a luta de Deus com uma humanidade corrupta e pecaminosa. Deus a destruiu, para um novo comêço. Uma família só, mas uma família providencialmente salva. Maravilhosa salvação! E logo que continua a história, apesar do pacto reestruturado, apesar de novas promessas, nós o que encontramos logo é pecado mesmo, pecado na própria vida de Noé, pecado nos descendentes de Noé.

A história de Babel ainda nos vem demonstrar de u'a maneira, que eu diriapatética, o que é o egocentrismo: egocentrismo associado. Babel representa a vaidade humana, a inteligência para o mal. Deus traz o castigo, traz a confusão de línguas, e com isso a completa desinteligência, imagem do próprio pecado. A história de Babel mostra a pretensão humana de querer realizar uma obra divina. Quando homens pensam em construir, pretendem chegar até o céu. Substancialmente é a mesma sugestão do Eden, em que Satanás diz: Você pode ser como Deus, conhecendo o bem e o mal.

Tanto na história do Eden, como na hisória do Dilúvio, como na de Babel, o que vemos é que desde o início da Humanidade, tem esta se caracterizado por uma rebeldia contra Deus. Deus Criou céus e terras; criou na terra, plantas e animais. Ao homem diz que se poderia servir de tudo aquilo. De tudo você pode comers quero é obediência, quero é Teocentrismo. Pois foi exatamente o que não aconteceu, e o que continuou a não acontecer, apesar de advertências e de interferências miraculosas de Deus.

A uma humanidade assim pecadora, Deus vai trazer a história específica da Sua intervenção. Deus vai chamar um homem; através dêste homem, vai chamar uma família; através desta família, vai chamar um povo; através dêste povo, vai trazer o Messias, vai se colocar, Êle mesmo, no centro da história. Deus virá a constituir a Sua Igreja, verdadeiro domínio da redenção divina.

É uma longa história. Por hoje ficaremos com apenas uma parte, a parte dos PRIMÓRDIOS, conforme aprendemos em Gênesis capítulos de 1 a 55. Não será difícil retê-la, nem será inútil.

QUEM
E'
O PERTURBADOR DE ISRAEL?

Rosalee M. Appleby

ELIAS: "Eu não tenho perturbado a Israel, mas TU."
ACABE: "És tu o perturbador de Israel?"

Que ironia e confusão no ponto de vista de ambos! Vemos o mais alto representante do govêrno em Israel enfrentando o mais poderoso embaixador de Deus naquele tempo, em recíproca acusação de perturbador. O rei possuía a chave política do país, enquanto o humilde profeta mantinha consigo a chave dos celeiros celestiais. O monarca, no trono, era rico, luxuoso e comodista, enquanto o homem de Deus era pobre, humilde, desprezado e vestido à moda dos camponeses, mas de caráter firme e maneiras francas.

Como o rei devia ter achado graça quando ouviu o anúncio grave mas sem retórica: "Vive ó Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos, nem orvalho, nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra."

Desaparece dali a figura austera e terrível do homem de Deus, deixando um vácuo insubstituível e Israel empobrece; definham-se as suas almas. Os meses se passam, e o brilho da côrte de Jezabel não pode revitalizar o reino. Tudo vai-se murchando, morrendo. Deixam de se desenvolver as plantas e não havia mais orvalho nas flôres as quais, em breve, também já não existem.

Esta foi a perturbação que Elias trouxe a Israel...

Será que Acabe não sonhou muitas vêzes com aquela terrível figura do deserto, durante os três anos que custaram a passar? Será

que não lembrou Jezabel de que talvez estivessem errados? Será que sua consciência não o acusava, levando-o a reconhecer que há um só Deus?

ELIAS, o PERTURBADOR... Aquêle que quebrou a monotonia de um reino em corrupção; inquietou o palácio que se firmava na injustiça aos pobres; falou ao povo que havia deixado mananciais de águas vivas em troca de cisternas rotas; violentou a consciência dos covardes e medrosos que esconderam a sua fé; despertou os duvidosos e coxeantes; perturbou a paz da rainha iníqua, Jezabel; desmascarou a falsidade e importância dos ídolos, revelando-lhes a nenhuma valia.

Gloriosa perturbação a do dia em que o fogo desceu dos céus. A decepção, a falsidade, a hipocrisia, a mentira foram desmascaradas. Descobriu-se diante do povo a supremacia do Deus vivo. Acabe tinha razão. Elias, tu és um perturbador. Fôste pôsto como um sucessor sôbre os reinos para arrancares e para derribares, para destruires e para arruinares.

Neste sentido podemos considerar todo verdadeiro profeta como um perturbador: — Excita as consciências, arranca o pecador de seu estado de dormência, ilumina o reino das trevas, tira a igreja morta da sua inércia, afugenta o mal e inquieta a falsa paz.

O profeta, cujas orações trazem fogo do céu, constrange os medrosos e os mortos. Incomoda o automatismo, a rotina. Irrita os que repousam em Sião. Condena a complacência e perturba o comodismo na igreja. Quebra o formalismo e a morosidade da marcha.

Bem-aventurada aquela fila de perturbadores na longa história da humanidade, que muitas vêzes pagaram com a própria vida o preço da coragem e da fidelidade! Savanarola pregando contra a corrupção de Florença; Lutero, perante a Dieta de Worms, proclamando as verdades eternas contra o pecado na igreja; João Huss, na Boêmia, e William Tyndale, na Inglaterra, queimados vivos por sua fidelidade ao Altissimo.

A PERTURBAÇÃO bendita de Elias trouxe para todos os séculos uma demonstração do poder da oração; da recompensa divina aos retos e justos.

PARA ISRAEL, a perturbação de Elias trouxe chuva, abundância de chuva; coragem santa para os sete mil que não dobraram seus joelhos a Baal; decisão aos coxeantes.

PARA ELIAS, trouxe a voz mansa e delicada, a realidade da presença divina, a prova de que Deus reinava e cuidava dos seus; a provisão necessária àquela hora.

PARA NÓS, HOJE, traz, também, uma confiança inabalável em nosso Pai. Que o Deus de Elias reine e traga novamente o fogo do céu, desafiando as portas do inferno!

CRISTÃOS do Século Vinte, temos as mesmas fraquezas de Elias, mas também temos as mesmas possibilidades, a mesma provisão. Deus é o mesmo. Não havia maior necessidade de perturbadores em Israel do que entre nós nesta hora crítica. Oh! guardas do muro, que protestais contra o comodismo e contra o pecado; arautos de Cristo, levantai a vossa bandeira contra a avalanche do comunismo e da heresia. Uma cruzada santa de despertamento é necessária para uma nova descoberta do DEUS DE ELIAS; uma nova apropriação do Seu poder.

·———)•(———

PERSISTÊNCIA INFLEXÍVEL

Eis como Henry Thomas narra uma das experiências de Pasteur:

"Misteriosa enfermidade acometeu os bichos-da-sêda na província de Alais, ameaçando de ruína tôda a sericicultura francesa. Pasteur, cujas realizações lhe tinham valido um lugar na Academia, foi convidado a investigar e, se possível, debelar a praga. Novamente se desencadeou contra êle uma tempestade de insultos. Essa tempestade recrudesceu à medida que os meses iam passando e Pasteur não conseguia fazer progressos no combate à praga. "Que pode saber um químico sôbre o tratamento das doenças?" queixavam-se os cultivadores de amoreiras, cujos bichos-de-sêda morriam aos milhares todos os dias. E o público lhes fazia eco. "Um químico? Nem isso. Êle não passa de um parasita que vive à larga enquanto a indústria francesa está à beira de uma catástrofe". A todos êsses protestos e lamúrias, Pasteur respondia ùnicamente: "Paciência".

E êle precisava de paciência. Enquanto investigava a praga do bicho-da-sêda, um de seus filhos morreu. Depois um e um terceiro. "Para persistir no trabalho sob essas condições", observou um amigo, "deve ser necessário ter muita coragem".

— Não sei se tenho coragem — respondeu Pasteur. — Mas sei qual é o meu dever.

Cumpria o seu dever trabalhando dezoito horas por dia, das cinco da manhã às onze da noite. Sofreu um ataque de paralisia, e por algum tempo os médicos desesperaram de salvá-lo. Mas o seu espírito continuou ativo enquanto o corpo jazia imobilizado. Foi durante "horas de repouso forçado" que descobriu a solução do problema que lhe custara tantos esforços e fadigas. "A doença dos bichos-da-sêda é transmitida de uma geração a outra por ovos contaminados. Eliminai os ovos contaminados, e obtereis uma safra sã".

O grande cientista alcançara vitória permanente, e ao mesmo tempo dava ao mundo o exemplo de pertinácia quase sobrehumana.

OS APELOS DE ALBERT SCHWEITZER

ALBERT SCHWEITZER E AS EXPERIÊNCIAS ATÔMICAS

De dentro da mata virgem, na África Equatorial francesa, onde há quase cinqüenta anos, consagra sua vida às populações esquecidas e semi-bárbaras, o grande missionário, teólogo, filósofo, cientista, musicista, lança seu clamor de alerta aos responsáveis pelos destinos da civilização. Seu apêlo está firmado na sua imensa e incontestável autoridade morat. Seu exemplo é mais forte do que seu apêlo.

Começamos nesta edição a publicar a série de três apêlos de Schweitzer. Êsses apêlos foram enviados à imprensa mundial, e agora nos chegaram às mãos através da Sra. Luise Breslau Hoff, cunhada do Dr. Albert Schweitzer, residente aqui em São Paulo. O próprio Albert Schweitzer já está ciente de que a nossa revista vai divulgar seus apêlos. Já se mostrou êle interessado em conhecer as repercussões dessa publicação.

Quando êstes apêlos estiverem sendo lidos pelos nossos leitores a potítica internacional a respeito do uso da energia atômica já terá evoluido para outros planos. Os apêlos de Schweitzer já terão perdido alguma coisa do seu aspecto de urgência. Mas em geral os apêlos estão de pé. Continua o impasse na política relativa à energia atômica. Os apêlos do grande homem são atuais. Como os leitores hão de notar, há vários aspectos políticos nos apêlos que podem estar sujeitos a controvérsia e a

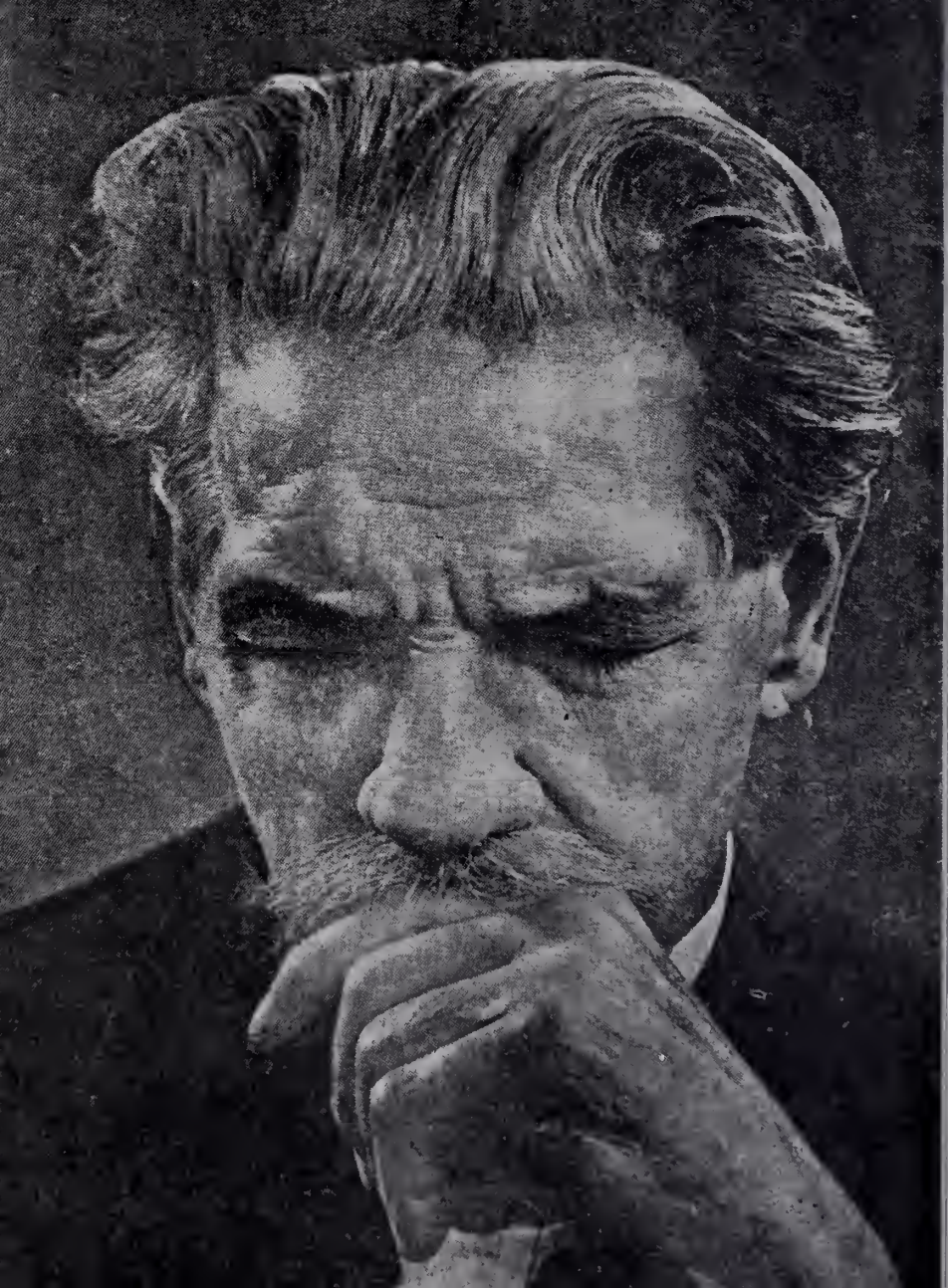
oposição. Podemos discordar de Schweitzer em muitos aspectos de sua apreciação do problema. Contudo, seu objetivo é o objetivo de tôdas as pessoas que amam a paz e a concórdia entre os povos. O problema não é fácil, e infelizmente sua solução não depende de nossos desejos. Se nós estivéssemos na direção de países como os Estados e a Grã Bretanha, provàvelmente seríamos forçados a examinar a política da energia atômica de outros ângulos. O problema central não é, pròpriamente, o da cessação das experiências atômicas. mas o do desarmamento dos espíritos. E isso só é possível pela infusão do espírito de Jesus Cristo no coração dos dirigentes das grandes nações. Podemos nós esperar que os dirigentes atuais da Russia aceitem o espirito de Jesus Cristo como norma diretiva para a política internacional? Eis o problema. Contudo, a esperança cristã nos anima a tudo fazer a fim de diminuir a tensão entre os povos. Devemos orar, clamar e agir nesse sentido.

Essa é a única razão por que estamos publicando êsses apêlos. Não endossamos as palavras de Schweitzer. Êle é responsável por todos os conceitos aqui emitidos. Mas reconhecemos sua imensa autoridade moral e a honestidade do seu esfôrço. Nesse sentido, êle merece o nosso inteiro apôio.

"Faço chegar ás vossas mãos três apêlos referentes á questão do perigo atômico que nos ameaça atualmente. Escrevi-os a pedido de amigos de diversos países. Estou tentando apresentar propostas que possam ser aplicadas relativamente ao problema da cessação das experiências atômicas e à tão premente questão da supressão das armas atômicas. Quero ressaltar que, do ponto de vista jurídico, as armas atômicas vão contra o direito das gentes, por serem as experiências nucleares prejudiciais, já em tempo de paz, aos povos mais distantes, através da infestação radiativa da atmosfera e da terra, e por representar o uso das armas atômicas na guerra um perigo para todos os povos da terra, pondo mesmo em dúvida a sobrevivência da humanidade.

Já que as armas atômicas infringem de tal modo o direito internacional, as três potências atômicas — Estados Unidos, Grã-Bretanha e Russia — estão obrigadas, perante a humanidade, a renunciar a elas, antes mesmo de estabelecer quaisquer condições e de haverem chegado a um acôrdo no sentido de estabelecerem um pacto de desarmamento com garantia internacional. Mais tarde, essas potências podem procurar o modo de chegar a um acôrdo.

Também abordarei a questão seguinte: até que ponto os



Estados Unidos e a OTAN podem exigir que as nações européias aceitem armamento atômico, fato que poderia ter como conseqüência, uma guerra atômica.

"Além disso, trato ainda do problema de a Europa não querer ser o teatro de uma guerra atômica entre a Russia e os Estados Unidos.

"Refiro-me também ao seguinte problema: devem os Estados Unidos manter permanentemente um exército na Europa, fato que lhes acarreta grandes dificuldades com a Russia?

"No terceiro apêlo, trato dos problemas referentes às negociações visando à realização da conferência de "alto nivel". Quem deverá participar da mesma? Que deverá ser discutido e em que lugar? Sou de opinião que não devem ser debatidos outros problemas que não os diretamente relacionados com a renúncia às experiências nucleares e ao uso de armas atômicas. No momento em que essa renúncia for decidida, poder-se-á, numa atmosfera muito mais propícia, discutir outros problemas de ordem política, entre êles a reunificação da Alemanha.

a) ALBERT SCHWEITZER"

1.º APÊLO:

Renúncia às Experiencias Atômicas

"Em abril do ano passado, resolvi usar da palavra, juntamente com outros, para alertar sôbre o grande perigo resultante das experiências com bombas atômicas (bombas de urânio) e bombas de hidrogênio, isto é, a infestação radiativa da atmosfera e da terra. Juntamente com outros, assinei uma solicitação pela qual os paises possuidores de armas atômicas deveriam quanto antes entrar num acôrdo para cessar tais experiências e assim demonstrar estarem realmente dispostos a renunciar em conjunto ao uso das armas atômicas.

"Naquela época podia-se ter a esperança de que êsse primeiro passo seria realizado. Mas tal não aconteceu. As negociações conduzidas por Harold Stassen, em Londres, naquele verão, entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Russia decorreram sem resultado. O mesmo destino tiveram as conversações que visavam organizar uma conferência da ONU no outono de 1957, pois a Russia deixou de participar de tais conversações.

O plano da U. R. S. S.

"Agora a Russia apresentou um plano de desarmamento, na base do qual se fazem prepara-

tivos para o início de novas conversações. Êsse plano prevê, em primeiro lugar, que devem cessar imediatamente as explosões atômicas, pura e simplesmente.

"Qual a situação ante essa proposta? Seria lógico pensar que, para todos os participantes das conversações, seria fácil concordar com ela. Nenhum dêles, com isso, sofreria perdas na posse de armas atômicas. E o prejuízo de não se poder fazer experiências com as novas armas, seria o mesmo para todos.

"Contudo, custa aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha aceitar essa proposta. Já quando na primavera de 1957 se tratava do assunto, os dois países manifestaram-se em contrário. Desde então, através de propaganda tenaz, êles vêm negando que o perigo de radioatividade produzida pelas experiências seja tão grande que se torne necessário renunciar a elas. Continuamente, aparece na imprensa norte-americana e européia farto material de propaganda de comissões atômicas governamentais e de cientistas que são levados a manifestar-se nesse sentido.

A reação do público e a propaganda

Do conteúdo de uma das declarações fornecidas pela Comissão de Energia Atômica norte-americana, mencionamos as seguintes frases: "É de se notar que as experiências nucleares, dentro das exigências científicas e militares, estão limitadas a um mínimo." "Deverão ser dados os passos necessários para corrigir a atual confusão reinante em público." "Os efeitos sôbre os "gens" mantêm-se dentro de limites toleráveis." "A possibilidade de uma conseqüência prejudicial, que o cidadão isoladamente crê não lhe é possível controlar, tem um forte efeito sentimental." "A continuação das experiências, no interêsse da segurança nacional, é necessária e justificada."

"Com referência à "confusão reinante em público", que deve ser corrigida, deve-se entender que as pessoas, mais e mais, estão chegando a dar-se conta do perigo decorrente das experiências nucleares.

"Com a frase obscura "que os efeitos do aumento da radiatividade na atmosfera sôbre os "gens" se mantêm dentro de limites toleráveis", entende-se que o número de monstros que, em virtude dos males causados pela radiatividade sôbre as células dos orgãos genitais do ser humano, serão dados á luz, não será tão elevado que possa exigir o abandono das experiências!

"Entre os cientistas, que se sentem levados a reduzir o perigo da radiatividade a suposto justo limite, deixam falar um cientista da Europa Central que, com frases audaciosas e anuncia-

doras do que acontecerá nos próximos decênios, assim terminou uma conferência sôbre o assunto: "Caso as experiências dos últimos anos continuarem a realizar-se, a infestação radiativa, no ano de 2.010 alcançará uma proporção seis vêzes maior. Também êsses números ainda seriam reduzidos em comparação com a radiatividade natural... Pode-se, evidentemente, comprovar que o risco que corre a humanidade, em virtude das experiências nucleares, é pequeno. Mas isto não significa que não exista êsse risco."

"As palavras do fisico americano e membro da Comissão de Energia Atômica, o Prof. Libby, podem ser talvez aqui citadas: "O risco da infestação radiativa deve ser oposto ao risco a que estaria exposto todo o Novo Mundo, se fôssem suspensas as experiências atômicas, antes que existisse um pacto seguro de desarmamento internacional. As experiências são necessárias no caso de os Estados Unidos não quererem ficar atrás no desenvolvimento das armas nucleares."

"No decorrer da propaganda de apaziguamento, uma alta personalidade norte-americana no campo atômico atreveu-se, em agôsto de 1957, a afirmar que os mostradores fosforescentes usados em relógios significavam um perigo muito maior do que tôda precipitação radiativa decorrente das explosões realizadas!

A bomba H "limpa"

"Muito espera obter essa propaganda de apaziguamento do fato de ter podido proclamar ao mundo a alegre mensagem, segundo a qual os cientistas conseguiram fabricar o prototipo de uma bomba de hidrogênio que, ao explodir, produz as perigosas matérias radiativas em muito menor quantidade do que a comum. Essa nova bomba de hidrogênio é chamada "limpa". A anterior, de agora em diante, terá que tolerar que a chamem de "suja".

"A bomba de hidrogênio limpa parte do principio de que lhe falta a capa de urânio 235 que, devido à temperatura elevadíssima da explosão, dá vazão a material para uma quantidade enorme de elementos radiativos. Por causa disso, no que tange à radiatividade produzida, ela é menos nociva que a bomba comum. Em compensação, a bomba limpa possui menor potência de explosão do que a outra.

"Note-se, além disso, que essa bomba de hidrogênio, exaltada como limpa, só é relativamente limpa. Sua ignição é a de uma bomba de urânio 235 capaz de dissociar-se e que tem o efeito de uma do tipo da de Hiroshima. Ela também produz radiatividade por ocasião da explosão. O mesmo acontece com os numerosos neutrons liberados durante a explosão.

"Edward Teller, o pai da bomba de hidrogênio suja, num jornal americano do começo do ano de 1958, canta em tons líricos um hino à idílica guerra do átomo, que um dia será feita com bombas completamente limpas. Êle exige a continuação das experiências, para que possa cultivar essa bomba ideal.

"Dois versos do hino à idílica guerra do átomo, de autoria de Edward Teller:

"A continuação das experiências nucleares nos colocará em condições tais que poderemos lutar contra o aparelhamento bélico de nossos inimigos, e ao mesmo tempo poupar os inocentes localizados nas proximidades."

"As bombas totalmente limpas reduzirão o número de acidentes desnecessários, numa guerra futura."

É claro que nem a Russia nem os Estados Unidos pensam em fabricar essa bomba, possuidora de menor efeito, para utilizá-la no caso de uma nova guerra. Não faz muito tempo, no verão de 1957, o Ministério da Defesa norte-americano declarou mesmo que a infestação radiativa em todos os territórios se tornara uma nova arma de ataque.

"A bomba atômica limpa não é para ser usada, mas sim para ser exposta na vitrina. Ela deve ajudar no sentido de fazer crer às pessoas que, de agora em diante, as experiências nucleares terão por conseqüência cada vez menos radiatividade e que, portanto, nada de convincente poderá alegar-se contra a continuação das mesmas. Já em 1956 uma revista científica norte-americana havia constatado êsse fato.

A radiatividade na atmosfera

"Aquelas pessoas que consideram reduzido o perigo decorrente das experiências atômicas, ocupam-se principalmente com a radiatividade constatada na atmosfera e se esforçam para fazer crer que o limite perigoso de uma irradiação proveniente do ar ainda não teria sido alcançado.

"Quanto aos resultados, aos quais chegaram essas pessoas por meio de artimanhas aritméticas, não se pode ter tanta confiança neles quanto seria da vontade dessas pessoas. É que, com o decorrer dos anos, foi necessário baixar cada vez mais o limite de tolerância da irradiação. Em 1934, o limite era de 100 unidades de irradiação por ano. Atualmente considera-se oficialmente como admissíveis apenas 5, e em alguns paises ainda menos. O Dr. Lauritson Taylor (Estados Unidos), que é considerado uma autoridade em matéria de proteção contra irradiações, aliás como outros, julga, em princípio, duvidosa a existência de uma dose radiativa que não seja

prejudicial. Não podemos, na opinião dêle, nunca falar senão de uma dose de irradiação, apenas por nós, considerada admissível.

"Continuamente falam-nos de um "máximo permitido de irradiação". Quem é que o permitiu? Quem é que está autorizado a permiti-lo?

"Quanto ao perigo que corre nossa existência em virtude de radiatividade não devemos tomar em consideração apenas o efeito da irradiação vinda de fora, mas também a das matérias radiativas existentes no nosso organismo.

"Como aparece essa radiatividade dentro de nosso organismo?

"As matérias radiativas existentes na atmosfera, em virtude das explosões, ali não permanecem, mas caem sôbre a terra sob a forma de pó radiativo, chuva radiativa e neve radiativa, e ali ficam depositadas. Por meio das fôlhas e das raízes, elas chegam às plantas e ali são armazenadas. Através das plantas, elas se introduzem em nosso organismo, seja quando tomamos leite de vacas alimentadas com tais plantas, seja quando comemos carne de animais também alimentados com essas plantas contaminadas. A chuva radiativa pode fazer com que bebamos água radiativa.

"A maior infestação radiativa é constatada na faixa compreendida entre 20° e 60° de latitude norte, pois as numerosas explosões nucleares, tanto dos Estados Unidos quanto da Russia, realizam-se principalmente naquela zona.

"Essas matérias radiativas, absorvidas com o decorrer do tempo, pelo nosso organismo, não são distribuidas uniformemente pelos seus tecidos celulares, mas depositadas e acumuladas, na maioria das vêzes, em lugares especiais. É dêsses lugares que se processa então uma irradiação interna, pela qual serão prejudicados de maneira especial os orgãos a ela sensiveis. O que essa irradiação não possui em intensidade, substitui pela sua duração. Durante anos afora ela atua dia e noite.

"Um dos elementos radiativos mais perigosos que nós observemos, é, como se sabe, o estrôncio-90. Êste se deposita nos ossos e de lá dirige sua irradiação para as células da medula, onde se formam os globulos sanguineos, vermelhos e brancos. Isso tem como conseqüência doenças do sangue que, na maioria dos casos, levam à morte.

"As células mais atingidas pela irradiação são as dos orgãos genitais. Mesmo quando sua ação se faz sentir com pouca intensidade, pode trazer conseqüências funestas.

"É sinistro que possam passar-se anos até que os efeitos dessa irradiação, tanto interna como externa, se manifestem. Os efei-

tos nocivos sôbre a descendência, aliás, aparecem muito mais tarde, poucas vêzes na primeira e segunda geração, mas apenas nas posteriores. Nessas é que surgem os monstros, em proporção crescente pelos séculos afora.

A oposição de cientistas

"Não cabe aos físicos, que se contentam em ocupar-se sòmente com a radiatividade da atmosfera em sua atuação sôbre o nosso organismo, dar a palavra decisiva na questão do perigo decorrente das explosões nucleares, mas aos biólogos e médicos que estudam as radiações externas e internas, bem como aos físicos que aceitam o que os biólogos e os médicos constataram.

"A propaganda de apaziguamento sofreu um golpe mortal com o manifesto de 9.235 cientistas de todos os países, que foi entregue pelo conhecido pesquisador norte-americano Linus Pauling, no dia 13 de janeiro de 1958, ao secretário-geral da ONU. Na declaração, constatam êles em conjunto que a radiatividade constantemente provocada pelas experiências nucleares significa um grande perigo para todos os cantos da terra, e além disso é extremamente ggrave porque terá como conseqüência, nas gerações posteriores, um recrudescimentos no número de nascimento de monstros. Em vista disso, exigem êles que se estabeleça um acôrdo internacional para a cessação das experiências.

"Doravante, a propaganda que visa à continuação das experiências não poderá mais manter de pé a afirmação de que os cientistas ainda não estejam de acôrdo quanto à questão da existência do perigo da radiatividade e que, portanto, primeiro deve-se esperar o parecer de entidades internacionais oficiais e até então, não inquietar a humanidade com a afirmação da existência e do aumento do perigo da radiatividade! Em alguns jornais, essa propaganda pode continuar ditando a palavra. Contudo, ao seu lado, a verdade a respeito do perigo que significam as explosões nucleares, segue seu caminho inabalàvelmente e cada vez mais se impõe perante a opinião pública, em tôda a parte. A longo prazo, nem a propaganda melhor organizada poderá resistir contra a verdade.

"O inconcebível, nessa propaganda para a continuação das experiências, é que ela consegue passar por cima de tudo o que os biólogos e os médicos prevêem com relação a um desastre para as futuras gerações, em virtude da radiatividade que já está agindo atualmente sôbre a humanidade. O manifesto dos 9.235 cientistas fêz um beneficio ao chamar insistentemente atenção para êsse perigo.

"Não podemos assumir a responsabilidade que, sòmente por-

que não prestamos a devida atenção ao perigo, acarretará o nascimento de milhares de crianças portadoras de deformações físicas e mentais. Sòmente aqueles que nunca presenciaram o nascimento de um monstro, que nunca o ouviram choramingar, que nunca testemunharam o horror da mãe, podem atrever-se a afirmar que a continuação das explosões nucleares é um risco, a ser admitido diante de circunstâncias. O conhecido biólogo e geneticista francês Jean Rostand denomina a continuação das experiências de "crime cometido contra o futuro" (le crime dans l'avenir). Para que êsse pecado contra o futuro não se cometa, estão especialmente aptas as mulheres a intervir nesse sentido. A elas cabe elevar a voz, e que o façam de uma maneira bem audível.

Um problema universal — Um direito de todos

"Curioso é que até agora foi completamente posto de lado o fato de que o problema da continuação ou da cessação das explosões nucleares não interessa apenas aos países que fabricam armas atômicas e sôbre o qual êles possam decidir à vontade. Quem é que dá a essas potências o direito de realizar em tempo de paz experiências com armas que podem causar os maiores danos a todos os países do mundo? O que é que diz a isso o direito das gentes, tão enaltecido em nossa época e entronizado pelas Nações Unidas? Êsse direito, do templo de onde reina, não vê mais o que acontece no mundo? Tiremo-lo de lá de dentro, para que olhe o mundo a seu redor e cumpra o seu dever.

"Êle já pode ver um caso interessante que diz respeito ao Japão. Êsse país padece de um modo especial ante as experiências nucleares. Os ventos impelem para seu território as nuvens radiativas, tanto as provenientes das explosões russas no Nordeste da Sibéria, como as das norte-americanas de Bikini (uma ilha do Oceano Pacífico). Assim, a infestação radiativa, com a qual o país muito sofre, é a pior imaginável. Chuvas radiativas muito fortes caem seguidamente sôbre êle. A infestação do solo e das plantas é tal que, de vez em quando, os habitantes dessa ou daquela região deveriam desistir de alimentar-se com os produtos de suas colheitas. Contudo, êles chegam ao ponto de ter de comer arroz que contem estrôncio. Para as crianças, isso é particularmente perigoso. E como também os mares que rodeiam a ilha, em certas épocas, estão bastante infestados de radiatividade, torna-se difícil alimentar a população com peixes — que assumem um papel tão importante no Japão — em virtude da quantidade de peixes

radiativos, que não podem ser aproveitados.

"O fato de a Russia querer, ao menos por agora, renunciar à realização das experiências, tem uma grande importância. Se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos puderem animar-se a tomar a mesma decisão, exigida pelo Direito Internacional, a humanidade se libertará do mêdo de sentir ameaçada sua sobrevivência, em virtude do aumento da infestação radiativa do ar e da terra provocado pelas explosões atômicas."

"E como a cada nova série de experiências atômicas piora ainda mais a situação, já precária, os diplomatas japoneses, quando ouviam falar de experiências planejadas no Norte ou no Sul, apresentavam-se respectivamente em Moscou ou em Washington e lá transmitiam os fervorosos pedidos de seu país, para que deixassem de fazê-las. Tôdas as vêzes receberam a resposta de que infelizmente isso não era possível, pois ainda não fora estabelecido pelas potências nenhum acôrdo no sentido da renúncia conjunta às experiências. Isso aconteceu novamente há pouco tempo, no dia 20 de fevereiro de 1958, na capital de uma potência atômica. Tôdas as vêzes tivemos notícias do pedido e da resposta através de curtos telegramas nos jornais, que nos cientificavam do fato como se se tratasse de uma notícia qualquer. A imprensa não nos importunava com artigos de fundo, que nos chamassem a atenção para a situação aflitiva do povo japonês, a qual transparecia nas entrelinhas dos telegramas, e com a qual nos tivessem levado a partilhar.

"E assim a imprensa e nós tornamo-nos culpados por essa apatia. Contudo, o mais culpado disso foi o direito das gentes, que durante ano permaneceu indiferente e mudo ante uma tal situação.

"É tempo de se compreender que, a cessação ou a continuação das experiências atômicas é um assunto que diz respeito ao direito das gentes.

"A humanidade está ameaçada em virtude das experiências. A humanidade exige que elas sejam abolidas, e com todo direito.

"Se, no que a nossa época ainda possui de cultura, ainda existir um resquício de um direito internacional atuante, ou então que êste se levante novamente, devem os povos que até agora realizaram explosões nucleares renunciar a elas pura e simplesmente. A renúncia não deve absolutamente estar na dependência de um acôrdo prévio entre essas potências, visando o desarmamento. O caso nada tem a ver com desarmamento, mesmo porque todos êsses países permanecerão proprietários das armas que êles fabricaram.

"Não há mais tempo a perder. Novas experiências não devem aumentar ainda mais o perigo em que nos encontramos, perigo êsse que por si só — é bom observar — ainda recrudescerá nos próximos anos. Uma grande parte das matérias radiativas lançadas na atmosfera ou na estratofera encontra-se ainda suspensa sôbre nós. Só com o decorrer dos anos — calcula-se aproximadamente quinze anos — elas terão se precipitado sôbre a terra.

A renúncia imediata á continuação das experiências criará a atmosfera propicia para se tratar da renúncia ao emprêgo das armas atômicas. Se isso, que se faz necessário tratar em primeiro lugar e com a máxima urgência, se conseguir, tais conversações poderão desenvolver-se em paz.

———)•(———

DISCRIÇÃO MÚTUA

Um repórter novato perguntou ao general Marshall, numa entrevista que o grande cabo de guerra lhe concedeu:

— E quais são os seus planos para êste ano, General?

Muito sério, olhando-o nos olhos, o eminente soldado perguntou por sua vez ao jornalista:

— Diga uma coisa: o senhor sabe guardar um segrêdo?

Muito lisonjeado, o repórter respondeu prontamente:

— Natural!

E o general, sem se perturbar:

— Eu também.

(Revista SÍNTESE, novembro de 1944)

———)•(———

Quanto mais honesto se é, mais difìcilmente se suspeita de que os outros não o sejam.

———)•(———

E' não se fazendo nada que se aprende a fazer o mal.

— Catão, o Antigo

CURIOSIDADES MUSICAIS

INFLUÊNCIA DA MÚSICA

São do grande especialista Kurt Pahlen as informaçcõs que vamos aqui resumir.

Refere-se êle a um monumento denominado Colosso de Menon. Foi construído em Tebas, no Egito, pela oitava dinastia reinante quatro séculos antes de Cristo.

Mais uma informação do autor que estamos citando. Trata êle de vários aspectos do poder da música sôbre homens e animais. Davi tocava harpa para expulsar o espírito malígno que se assenhoriava do rei Saul. Farinelli usou de igual recurso para despertar Felipe II de uma terrível melancolia. O músico Timóteo excitava o furor de Alexandre o Grande com uma melodia em certo tom e o aplacava com outra em tonalidade diferente. Os sacerdotes celtas empregavam a música para morigerar os costumes do seu povo. Terpandro desbaratou uma perigosa sedição em Lacedemonia, cantando ao som de sua citara. Entre os gauleses havia bardos que cantavam suas melodias no furor dos combates. Santo Agostinho se refere a um simples pastor que, tocando flauta despertou tanto entusiasmo em seu povo que êsse o elegeu rei. Mas a lenda mais extraordinária e amplamente divulgada é a do flautista da cidade de Hamelim: Certa ocasião se apresentou ali (na Alemanha) um forasteiro que se ofereceu para limpar o lugar de uma terrível praga de ratos. Aceito o seu plano começou a tocar uma canção em sua flauta encantada. Milhares de ratasanas saíram dos seus esconderijos e seguiram dòcilmente o músico que as conduziu ao rio onde se afogaram. Mas, como os habitantes se negassem a pagar-lhe o que lhe haviam prome-

tido, o flautista, tocando outra melodia, que fascinou os meninos da cidade e os atraíu com a fôrça do seu instrumento até à uma caverna de onde jamais saíram.

Algumas dessas narrativas, como se vê, têm ares de pura lenda.

PATEADA CÉLEBRE

Elbert Hubbard, na sua biografia de Wagner, descreve o que vamos resumir. Diz êle que nenhum escritor, músico ou artista, jamais sentiu sôbre sua cabeça a tempestade que desabou sôbre a de Wagner. As experiências negativas dos outros compositores parecem apenas brisas suaves comparadas com o furacão que se verificou, quando, em Paris, depois de 116 ensaios, Tannhauser foi levado à cena. Gargalhadas, assovios e apupos proferidos no meio de ensurdecedora gritaria encheram o teatro. No dia seguinte a imprensa aplaudiu tudo aquilo. Ela ridicularizou melodias que não pôde apreciar. Pior do que isso: as próprias pessoas que se manifestaram inclinadas a prestar atenção à música passaram a ser desprezadas.

Wagner só não sofreu violência pessoal, porque discretamente afastou-se das vistas do público. O resultado dêsse fracasso foi terrível para o compositor. Tinha êle perdido todo o dinheiro que difìcilmente ajuntara. Os credores, sabendo disso, lhe foram ao encalço furiosamente. O tom unânime da crítica quase fêz Wagner perder a razão.

Hoje os críticos de arte explicam que tudo isso aconteceu porque Wagner, original que era, deixou de observar certas leis de composição tidas como inatacáveis. Hoje os críticos daquela época envergonhar-se-ião do papel que desempenharam.

E' sempre assim. Os homens que, por terem grande talento, não se acomodam às correntes cristalizadas da opinião comum correm sempre o risco de passarem por amarguras imensas antes que a verdade que anunciam ou o tipo de arte que apresentam seja reconhecido pelas inteligências retardadas que só caminham muito lentamente.

ESTROINICE DE GÊNIOS

Liszt, viajando certa vez por Genebra, encheu em um hotel, a ficha de entrada, dêste modo:

Profissão: Músico filósofo
Nascido: No Parnazzo
Procedência: Das dúvidas
Destino: À verdade

Agora um caso de Chopin. Nos seus documentos foi encontrada uma carta em que êle se manifesta muito angustioso. Qual a causa dessa angústia? O mêdo de ser enterrado vivo.

A VOZ DE CARUSO

O que vamos narrar foi escrito pelo famoso Kurt Pahlen. Parece tratar-se de uma anedota. Eis o que êle escreve: "Há poucos anos um famoso explorador visitou o império do Négus onde gravou muito discos com melodias etíopes. Convidando a côrte de Adis-Abeba, exibiu como prova do seu trabalho, os discos recém-gravados que entusiasmaram o monarca. Desejoso de agradecer tanta benevolência, o visitante apresentou um disco em que a voz de Caruso, em uma das melodias de Verdi, encanta os amantes da arte. O Négus e sua côrte, gente educada, sem dúvida, escutaram a música em silêncio. Terminado o canto, o imperador, dirigindo-se ao hospede, perguntou-lhe baixinho:

— Será que não deram comida ao cantor? Ou por que sorá que êle grita tanto?"

TIPOS DE MENTALIDADE

Na cidade de Bonn existe, ainda, muito bem conservado, o piano em que Beethoven — o genial compositor — tocava e do qual se serviu para compor suas músicas imortais. Entre as pessoas que visitaram o salão em que se acha essa preciosidade artística, apareceu, um dia, uma jovem lá das bandas de Hollywood. Mal viu o instrumento, valsando e saltitando, correu para êle. E começou a tocar qualquer música fútil. Enquanto tocava, voltou-se para o guarda e, entre êles, travou-se êste diálogo:

— Penso — disse ela — que muita gente ilustre tenha estado aqui êste ano.

— De fato — respondeu o guarda.

— Alguns eram famosos, não é? — insistiu ela.

— Sim. Paderewsky esteve aqui, ùltimamente.

— Ah, decerto êle tocou também neste piano!

— Não senhora. Êle disse que não é digno de pôr a mão nesse instrumento.

A impressão que essa narrativa singela nos deixa no espírito mostra bem que a capacidade de reverenciar o que é elevado dá um dos indícios pelos quais se pode aferir o valor de uma personalidade.

DOR E INSPIRAÇÃO

Eis a origem de um famoso hino sacro.

Na pequenina cidade de Lower Brixham, povoada quase que só por pescadores pobres, morava um pastor evangélico chamado Henry Francis Lyte. Era muito querido por causa da sua piedade e zêlo cristão. Escreve poesias e músicas sacras.

Sua saúde era precária. Tendo verificado que o clima da região era prejudicial, planejou retirar-se dali. Isso representava, para êle, dura provação porque jamias pensara em separar-se do seu rebanho. Como se agravasse a moléstia ,resolveu, afinal, fazer tal sacrifício. Por conselho médico foi para Nice, França, em cujo clima suave, segundo lhe diziam, poderia curar-se. Lá faleceu em 20 de novembro de 1946.

Antes de deixar a pátria, promoveu um culto de despedida com o seu povo. Celebrou a comunhão pela última vez. Despediu-se de todos, emocionado, e retirou-se para o seu aposento. Vinha descendo a noite. Também na sua alma se avolumavam as sombras de intensa tristeza.

Pouco tempo depois, saindo do quarto, com a fisionomia abatida pela moléstia e pelo sofrimento moral, entregou a um parente um papel em que havia algumas estrofes. A poesia escrita em hora de tanta dor e desapontamento, começa assim:

Comigo habita, ó Deus! a noite vem,
As trevas crescem — eis Senhor, convém
Que me socorra a tua proteção
Oh! Vem fazer comigo habitação!

Êste hino é cantado hoje por milhões de fiéis, com efeitos emocionantes e inspiradores.

Não é realmente grande maravilha que um homem, no turbilhão do seu sofrimento, possa, dêsse modo, estimular perpètuamente outras almas a vencerem? Sem dúvida que sim.

Nessa história há um pormenor que deve ser evocado. O Rev. Jorge D. Baker, pastor em Filadélfia, visitou em Nice o túmulo de Lyte. Ali encontrou um jovem visitando o mesmo túmulo, que, comovido, afirmou que se convertera, lendo aquelas estrofes escritas em hora de tanta angústia.

Quando a religião consegue arrancar um homem do torvelinho dos seus sofrimentos, inspirando-o para que êle cante, já faz muito. Quando ainda usa dêsse mesmo cântico para converter outras almas, realiza superexcelente maravilha.

M. R.

O MOMENTO RELIGIOSO NO BRASIL

O. A.

Com o seu número 2.154 de 25 de Julho último encerrou a sua carreira o tradicional periódico evangélico, *O Puritano*. Serviu o evangelismo nacional e especificamente a Igreja Presbiteriana do Brasil durante 60 anos. Em substituição surgiu "O Brasil Presbiteriano".

Com a presença de 139 pastôres e 7 seminaristas do Rio e São Paulo, reuniu-se o 14.º Retiro espiritual da Igreja Batista. Realizaram-se 18 reuniões, discutindo-se interessantes teses tais como: "A Bíblia sempre tem razão" pelo Pastor Adrião Bernardes; "Importância da Pedagogia Religiosa", por Liberato Colombani; "Os desajustados do ministério" por Lester Bell e "Não haverá uma solução" pelo Pastor Lauro Bretones, o qual tratou do problema de consagrações precipitadas ao ministério, o que deu ensejo a uma resolução enérgica contra a consagração de pessoas inidoneas ao Santo Ministério.

"Homens em Marcha", publicação trimestral da Igreja Metodista do Brasil, em seu número de Out./Dez. 58 alerta os seus leitores contra os ensinamentos de uma seita chamada Russelismo, novidade que, de Brooklin, nos Estados Unidos, vai-se propagando pela América Latina. Na opinião da citada revista, trata-se de uma seita herética responsável pelo opúsculo "Perigo dos últimos

Tempos", "Atalaia", "Torre de Vigia"; andam de casa em casa, equipados de fonógrafos portáteis, a oferecer seus livros: são os *russelistas* derivação do nome do fundador da tal seita, Russel, ou "Testemunhas de Jeová". Alega que suas estranhas doutrinas e métodos de propaganda se estão convertendo em um sério problema social e religioso em tôda a América. Ensinam que "tôda religião é invenção de Satanaz". Que todo govêrno humano é "obra do diabo e carece de autoridade". Que o comércio é igualmente um instrumento do diabo. Que a doutrina da Trindade é um êrro pagão. Negam a divindade de Cristo.

Pregando no culto solene de abertura do Supremo Conelio da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Lavras, disse o Rev. José Borges dos Santos Jr., reeleito Presidente dêsse Supremo Conelio: "As responsabilidades que se abrem para nós, neste momento, constituem desafio à nossa Igreja e à nossa dedicação." O ponto central do seu sermão foram as palavras do livro do Apocalipse: "Eis que diante de ti ponho uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar." Terminou dizendo: "Deus nos entrega êsse desafio, só podemos aceitá-lo."

O Bispo Meleher, da Igreja Episcopal Brasileira, foi a Brasília para examinar *in loco* as possibilidades de localização de um templo de sua denominação. A religião é um capítulo interessante da vida de nossa futura capital: Já estão em pleno funcionamento as igrejas católico-romana, presbiteriana, metodista e batista, tôdas com seus templos provisórios e colégios primários anexos.

——)•(——

DESCENDÊNCIA DE ALGUNS HOMENS CÉLEBRES

Horácio e Terêncio, eram filhos de escravos;
Beaumarchais e Rousseau, de relojoeiros;
Shakespeare, de um cortidor;
Demóstenes, de um ferreiro;
Virgílio, de um padeiro;
Molière, de um armador;
Colombo, de um cardador de lã.

PROFECIAS QUE SE CUMPRIRAM

Eis o que Camilo Castelo Branco afirma a respeito das profecias que se cumpriram em Cristo:

"Anunciaram os profetas o Messias; e tão dentro da alma da nação hebrea se entranhara a esperança de sua vinda que, nos derradeiros tempos, o aparecimento de São João Batista suscita nos judeus a certeza de que é chegado o Cristo, e os samaritanos por igual se entram do mesmo convencimento. "Eu sei, diz a samaritana a Jesus — que o Messias está próximo, e tudo nos será enviado por êle quando chegar".

Não se restringiram, porém, os profetas a predizer a vinda do Salvador. O retrato que êles predefinem do Messias é tão minudencioso, que impossível seria confundi-lo com os seus contemporâneos.

1. Disseram que nasceria de uma virgem(1).

2. Que nasceria em Belém, aldeia obscura e incógnita(2).

3. Que seria da tribo de Judá e raça de Davi(3).

4. Que seria pobre, e anunciaria a boa nova aos pobres(4).

5. Que seria obscuro e sem magnificência; mas que um dia se lhe prostrariam os reis(5).

6. Que a voz dêste precursor soaria no deserto(6).

7. Que semearia milagres e benefícios em seu caminho(7).

---

(1) Isaías, VII, 11; (2) Mich. V, 2; (3) Gên. X, Isaías XI, II, Sam. XVI, Salmo 39, Jer. XXIII; (4) Zac. IX, 9, 10, Isaías XL, 3; (5) Isaías, LIII, 4; (6) Isaías XLI, 3; (7) Isaías XI, XL, XLII, LIII, Zach. IX;

8. Que o espírito do Eterno, espírito de sabedoria, de inteligência, de conselho, de fôrça, e de temor seria com êle, e o faria brilhar em pleno resplendor de justiça; porém, ao mesmo tempo, a sua onipotência seria sublime de doçura e humildade[8].

9. Que seria ludribrio de desprezos e contradições, repelido e perseguido por seu povo[9].

10. Que, em vez dos antigos sacrifícios rejeitados, estabeleceria um sòmente, duradouro e puro, que seria consagrado em tôdas as regiões da terra[10].

11. Que seria traido por um dos seus discípulos[11].

12. Vendido por trinta dinheiros[12].

13. Desamparado dos seus[13].

14. Caluniado por testemunho[14].

15. Que, espontâneamente, se deixaria levar à morte, como cordeiro sem defesa, e mudo entre as mãos daquele que o afoga[15].

16. Que seria esbofeteado, cuspido, afrontado, cravado de pés e mãos[16].

17. Que os transeuntes insultariam suas agonias tregeitando[17].

18. Que seria contado entre os celerados e supliciado como êles[18].

19. Que lhe jogariam aos dados a túnica[19].

20. Que lhe dariam fel e vinagre[20].

21. Que seria gloriosa sua sepultura; ressuscitaria ao terceiro dia; alumiaria tôda a carne com o reflexo do seu espírito[21].

As profecias realizaram-se em Jesus Cristo.

---

(8) Dan. IX, 26, Isaias VI, 10, LV, 2; (9) Malaq. X, 11; (10) Salmo XI, 12, 13. (11) Zac. XI, 12, 13; (12) Ibid. XIII, 7; (13) Salmo; (14) Isaias LIII, 1; (15) Isaías LIII, 2; (16) Isaías LII, 3, Salmo XXI, Isaías, Jerem. e Zacarias; (18) Salmo XXI, 7, 8; (19) Ibid. 8, 19; (20) Ibid. 22; (21) Salmo XV, 9, 10, Isaías XI, Joel XI, 28, Isaías.

PRODÍGIOS E FALHAS DA MEMÓRIA

MIGUEL RIZZO

Dificilmente se pode exagerar o papel da memória no conjunto de nosso aparêlho mental. Sem ela não poderíamos raciocinar, porque só o fazemos com os subsídios que ela nos fornece; a imaginação retrairia suas asas subtís, pois as imagens, mesmo as mais fantásticas nós só as formamos em têrmos de conhecimentos pré-existentes. Ela é também a condição necessária de tôda a ciência: seria inútil a nossa observação, se não a pudéssemos reter para tirar dela as ilações que se consubstanciam em teorias científicas. Sem o poder recordar, os conhecimentos humanos seriam circunscritos ao limitadíssimo círculo das percepções imediatas e poderiam comparar-se, como sugere um psicólogo, às teias de Penelope que se desfaziam logo depois de serem tecidas

Algumas pessoas são dotadas de memória prodigiosa.

Um cidadão que tomou lanche no Vanderbilt Hotel, em Nova York, estranhou que a moça que recebeu seu sobretudo, não lhe deu uma ficha a êle correspondente, como se costuma fazer. Tendo perguntado porque agia assim, teve grande surprêsa, quando ela lhe disse que não precisava de ficha, pois lembrar-se-ia bem de quem era o sobretudo. Acrescentou ainda que já chegou a receber chapéus e capas de duzentas pessoas estranhas e, depois, devolveu tudo exatamente. Deslumbrado com isso, o cidadão foi ter com o Gerente do Hotel e êle lhe informou que

aquela jovem trabalhava ali há quinze anos e nunca cometeu um êrro de memória.

Vejamos agora um caso diametralmente oposto a êsse. É o de Thomas Edison. Sofreu muito na escola por absoluta falta de memória. Esquecia-se de tudo que se lhe ensinava. Era o desespêro dos professôres. Êles profetizaram que êle nunca daria coisa alguma. Só esteve na escola durante três meses. Depois disso, sua mãe, em casa, fêz o possível para lhe ensinar alguma coisa. Tinha êle capacidade de concentrar-se, mas esquecia-se de tudo a não ser do assunto em que estava meditando. Um dia quando sua mente estava preocupadíssima com um problema, foi à repartição competente para pagar impostos. Ficou muito tempo na fila. Quando chegou a sua vez, não pôde lembrar-se do seu próprio nome. Um vizinho é que, vendo o embaraço em que êle se achava, lhe disse que êle se chamava Thomas Edison. Freqüentemente trabalhava no seu laboratório durante tôda a noite. Certa manhã, quando esperava sua refeição, adormeceu. Um dos seus assistentes que acabava de comer presunto e ovos deixou a dendeija vazia perto de Edison. Quando êsse acordou, esfregou os olhos e, vendo os restos de pão nos pratos diante dêle, e a xícara com sinais de que tinha tido café, chegou à conclusão de que já havia tomado seu "breakfast". Só percebeu mais tarde seu êrro, quando seus assistentes começaram a rir-se dêle.

Asa Gray, o famoso botânico americano chegou a ter na sua memória os nomes de vinte e cinco mil plantas. De acôrdo com o que diz o seu biógrafo, Júlio César era capaz de reter de memória os nomes de milhares de soldados.

Charles Chaplin tinha um secretário particular que se chamava Carlyle Robinson. Depois de sete anos que trabalharam juntos, Chaplin ainda não conhecia o sobrenome do secretário.

A Universidade maometana do Cairo é considerada a segunda do mundo. No exame de admissão ali o estudante tem de repetir de memória todo o CORÃO, livro sagrado escrito por Mahomé. Mais de vinte mil estudantes já realizaram essa prova com resultados ótimos.

Lord Byron gabava-se de poder repetir todos os versos que havia escrito. Mas Walter Scott tinha memória paupérrima. Uma vez elogiou muito um dos seus poemas, pensando que êsse tivesse sido escrito por Byron. Lord Byron era capaz de ditar um dos seus mais famosos livros, de memória.

Macaulay, o grande historiador inglês, teve provàvelmente a memória mais perfeita de que se tem notícia. Êle podia olhar uma página impressa e retê-la na lembrança quase tão acuradamente como máquina fotográfica. Podia ler o capítulo de um livro uma vez e repeti-lo de memória. Êle aprendeu o "Paraíso Perdido" numa noite.

Theodoro Roosevelt foi famoso pela segurança da sua memória. Guardava detalhes a respeito das pessoas com quem se encontrava. Isso o auxiliou muito na sua vida política. Quem conversava com êle passava a julgar-se importante, quando lhes referia à detalhes da vida dos seus interlocutores.

Já houve um político no Brasil que tinha essa arte. Andava pelo interior do seu Estado e tomava nota cuidadosa dos nomes não só dos indivíduos como das suas famílias. Acontecia, então, esta coisa impressionante. Quando se encontrava com um matuto que vira em zonas muito distantes da Capital, perguntava pela espôsa, mencionando-lhe o nome e pelos filhos, tratndo-os pelos apelidos.

— Como vai o Quinzinho?

— E a Nicota?

Assim ia mencionando todos da casa. O homem saía da sua presença deslumbrado. Não só votava nêle, como conseguia que seus conhecidos fizessem o mesmo. Essa vivacidade da memória era uma arma política sem igual.

Certa ocasião Theodoro Roosevelt encontrou-se com um banqueiro japonês que vira há quinze anos, e passou logo a tratar do assunto que os interessara naquela época longínqua. O banqueiro ficou estasiado. A capacidade de concentrar-se era em Roosevelt alguma coisa prodigiosa. Certa ocasião estava êle num Congresso em Chicago. Imensa multidão enchia as ruas, agitando bandeiras. Dentro do hotel os congressistas se movimentavam febrilmente. O ruído que vinha da rua impressionava a todos. Pois bem, nesse instante, Roosevelt, sentado numa cadeira de balanço, parecia longe de todo aquêle movimento lendo Herodotus o historiador grego.

Êle visitou o Brasil. Certa ocasião, numa imensa planície, quando encontrou uma árvore alta e frondosa, tirou da valise um exemplar da obra de Gibbon — DECLÍNIO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO. Tão prêso ficou à leitura que nem sequer reparou que começara chover. Não é de admirar que uma pessoa que tenha tal poder de concentração chegue a ter memória prodigiosa.

Há alguns anos morreu em Coldwater, Mechigan, um indivíduo de caráter pitoresco, apelidado de Jak. Sua memória era assombrosa. Viajou durante vinte anos, visitando colégios para divertir os estudantes. Consentia que lhe fizessem qualquer pergunta de História. Uma vez fizeram-lhe esta pergunta.

— Que idade tinha a mulher de Sócrates quando se casou?

A resposta veio pronta:

— Sócrates só se casou quando tinha quarenta anos. Apesar da sua grande sabedoria, casou-se com uma tonta de apenas dezenove anos.

Outra vez lhe perguntaram onde é que, pela primeira vez se fêz uso de baionetas. A resposta foi: — Na Batalha de Killiechanke, na Escócia, no dia 27 de julho de 1689.

Quem poderia bater um tal indivíduo se êle tomasse parte num dêsses programas intitulados — O CÉU É O LIMITE?

Henry Ford ficou tão impressionado com a habilidade dêsse homem que lhe ofereceu um carro para que êle viajasse dando lições de história. Quando êle morreu o seu cérebro foi examinado na Universidade de Michigan para que os médicos tentassem descobrir qual o segrêdo daquela prodigiosa memória. O resultado dessa pesquisa foi negativo.

É interessante notar que alguns homens geniais são dotados de memória excepcioonal, mas também encontra-se o mesmo fenômeno em pessoas de inteligência muito fraca. Leonardo de Vinci foi um dos maiores gênios que o mundo conhece. Para lembrar-se de qualquer coisa êle precisava tomar nota e muitas vêzes, depois de anotar tudo, perdia as notas e ficava na mesma. Mais alguns casos notáveis.

Leibnitz e Euler foram célebres não só pelo fulgor da inteligência como pelo poder de fixar na mente as impressões por ela recebidas: ambos sabiam de cor a Eneida.

Themistocles sabia o nome de vinte mil cidadãos de Athenas. Cyro conhecia nominalmente os milhares de soldados de seu exército. Mithridades, tinha em sua milícia representantes de mais de vinte nações e falava com todos em seu próprio idioma.

Os fatos que estamos apontando mostram que as capacidades da mente humana são imensas. Psicólogos argutos, baseando-se não só nessas como em outras peculiaridades extraordinárias do Espírito humano vêem nelas vestígios fortes da sobrevivência.

———)•(———

PORQUE JESUS VEIO AO MUNDO

Evangelho segundo João,
capítulo 3:16-19.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nêle crê não pereça mas tenha vida eterna.

Porque Deus enviou seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo mas para que o mundo fôsse salvo por êle.

Quem crê nêle não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito filho de Deus.

E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz porque as suas obras eram más".

Revelador de Deus

No Palácio Rospigliso em Roma, no fôrro, que é muito alto, há uma obra prima da pintura mundial. É de Guido Reni e se intitula: "A vitória de Febo". O público em geral a chama de "Aurora". O célebre artista italiano do século dezessete representa ali o deus-sol, no ato de criar o dia. E' um quadro inegualável de perspectiva, majestade, poesia, e colorido. Ali aparecem aquela divindade coroada e sua côrte grandiosa: querubins, conduzindo tochas inflamadas que iluminam o dia; nuvens vaporosas e coloridas; e um imenso cortejo de arautos voando e espargindo flores aos pés dos garbosos cavalos que conduzem o carro da "Aurora". Os olhos se deslumbram contemplando o conjunto maravilhoso dessa pintura, mas os visitantes do famoso palácio sentiam-se cansados ao contemplá-la, pois, para isso, teriam de permanecer em posição muito forçada, olhando para as alturas. A fim de evitar tão forte inconveniência, lançou-se mão de um recurso: o de colocar no centro da sala, sôbre uma grande mesa, um magnífico espêlho de cristal. Agora os visitantes do palácio, cômodamente e até assentados, podem contemplar em tôdas as minúcias, a beleza fulgurante do quadro refletido no cristal.

Jesus é o espêlho. Os reiterados esforços do gênio humano para descobrir a Divindade eram exaustivos, e, até certo ponto, decepcionantes. Agora, nas excelências morais que refulgem, na pessoa de Jesus, se podem apreciar com facilidade os maravilhos atributos de Deus, nela esplêndidamente revelados.

APENAS OS CAMELOS

No dia 15 de março de 1942, Júlio Dantas, sob o título **Epifania**, publicou um interessante artigo no qual estuda a narrativa feita por São Mateus, do nascimento de Jesus. Mostra como os críticos dos livros sagrados foram podando a narrativa até reduzí-la a um resíduo quase que desprezível.

Começaram negando a veracidade do episódio. Passaram depois, com muita incongruência, a discutir se a adoração dos reis foi anterior ou posterior à apresentação e às bodas de Caná! Depois de embarafustarem por vários problemas críticos, quiseram saber se as três personagens do quadro eram reis ou sòmente magos. Afinal, após um longo processo de mirabolante exegese, dogmatizaram que são mera fantasia de S. Mateus, "os magos, os reis, as estrêlas guiadoras, a mirra, o incenso, os cibórios e as bárbaras coroas reais de ouro massiço, cintilando ao lvar nas longas jornadas pelo deserto imenso". Note o leitor que nessa especificação há muitas coisas a que S. Mateus nem sequer se referiu! E Júlio Dantas concluiu: deixaram-nos, por muito favor, — os camelos.

A ousadia da crítica impiedosa tem procurado reduzir a nada as narrativas da biografia de Cristo. O que, porém, ela não consegue é limitar a influência enobrecedora e crescente que a personalidade de Jesus exerce na humanidade.

O MUNDO DA SEGURANÇA

São de Stefan Zweig estas apreciações:

"Se tento achar uma fórmula maneável para a época anterior à primeira grande guerra, época em que cresci, tenho esperança de ser o mais conciso possível, dizendo que ela foi a época áurea da segurança. Tudo na nossa monarquia austríaca, quase milenária, parecia estabelecido para sempre e o próprio Estado parecia ser o supremo garante dessa estabilidade. Os direitos que êle garantia aos cidadãos, eram confirmados por escrito pelo Parlamento, pelos representantes do povo, livremente eleitos, e tôda obrigação era exatamente delimitada. O nosso dinheiro, a coroa austríaca, circulava em brilhantes moedas de ouro e com isso garantia sua imutabilidade. Cada um sabia quanto possuía ou quanto ia receber, o que era permitido e o que proibido. Tudo tinha sua norma, sua medida e seu pêso determinados. Quem possuía fortuna, podia culcular exatamente quanto de juros ela lhe rendia por ano, os empregados públicos e os oficiais encontravam com segurança no calendário o ano em que seriam promovidos e o em que seriam aposentados ou reformados. Tôda família tinha seu orçamento fixo, sabia quanto tinha que dispender com a morada e a subsistência, com a viagem de verão e a representação; uma pequena quantia não deixava de ser cuidadosamente reservada para imprevistos, doenças e seu tratamento. Quem possuía uma casa, considerava-a como domicílio seguro para os filhos e os

netos; a casa de morada e o negócio passavam de geração à geração. Enquanto um latente ainda jazia no berço, já se depositava no mealheiro ou numa caixa econômica um primeiro óbulo para a jornada da vida, uma pequena reserva para o futuro. Tudo nesse grande império se achava firme e inamovível em seu pôsto, e no mais alto estava o velho imperador; mas sabia-se ou julgava-se saber que, caso êle morresse, lhe sucederia outro e nada se alteraria na ordem dical, tudo o que é violento já parecia impossível numa época em que reinava a razão.

Êsse sentimento de segurança era a posse de milhões de indivíduos e a mais digna de aspiração, era o ideal coletivo da vida."

Como é fácil de ver, há uma enorme diferença entre o mundo que êsse escritor descreveu e o atual — o que menos existe hoje é segurança.

———)•(———

A IMPORTÂNCIA DO TESTEMUNHO

LIVING WATERS

Um grupo de homens de negócios estavam reunidos numa convenção local. No intervalo entre as sessões, a conversa caiu sôbre religião, e logo se tornou visível que todos do grupo eram crentes. E mais, cada um procurava dirigir seus negócios de acôrdo com princípios cristãos.

Então um dêles sugeriu que cada qual contasse porque havia ficado crente. Assim, um por um, aquêles homens começaram a contar, em palavras simples e ardentes, e que os tinha levado a buscarem a Cristo.

Num caso fôra uma lavadeira que estava sempre cantando: "Como é bom confiar em Jesus".

Outro contou que fôra impelido a buscar o evangelho por ver um vizinho que viajava seis milhas todos os domingos, por uma estrada ruim, para assistir aos cultos.

Um ficara vivamente impressionado com a fé maravilhosa e convincente de uma jovem mãe que havia perdido o filhinho.

Outro dêles fôra atraído por um inválido que, com olhar sempre brilhante, falava constantemente da bondade de Deus.

Quase a metade dos presentes se haviam entregado ao Evangelho através do fascinante testemunho da vida de uma mãe crente.

Em todos os casos, o ponto culminante havia sido a vida de outrem! Êste era o fato surpreendente!

Êstes homens haviam sido ganhos, não pela lógica de palavras, mas pelo argumento convincente de alguma vida.

Êste pensamento deveria tocar os nossos corações e levar-nos reverentemente aos nossos joelhos. Ó crente, ainda que sejas pobre e obscuro, não duvides disto: ouvidos atentos estão escutando o sermão de tua vida!

Nada é tão irresistível como uma vida que é "ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador".

Instituto de Cultura Religiosa

Conferências em Rio Claro

O Secretário-Executivo do Instituto realizou, em Rio Claro, de 7 a 9 de novembro, algumas conferências. No dia 7, às 20 horas, falou na FILARMÔNICA a mais de 400 pessoas; no dia 8, às 15,30, falou no Instituto de Educação a 210 ouvintes. No dia 8, pregou na 1a. Igreja Presbiteriana. Auditório, 312 pessoas. No dia 9, às 16 horas, teve uma

Mundos Extintos

Euclides da Cunha escreveu essa poesia quando era estudante no Colégio Militar. Na sua alma já começavam desabrochar os prenúncios da tragédia que o acompanhou na vida.

> "São tão remotas as estrêlas que, apesar da vertiginosa velocidade da luz, elas se apagam, e continuam a brilhar durante séculos"

Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necropoles sombrias...

Mas pra nós, di-lo a ciência, além perdura
A vida, e expande as rutilas magias...
Pelos séculos em fora a luz fulgura
Traçando-lhes as órbitras vazias.

Meus ideais! extinta claridade —
Mortos, rompeis, fantásticos e insanos
Da minhalma a revolta imensidade...

E sois ainda todos os enganos
E tôda a luz, e tôda a mocidade
Desta velhice trágica aos vinte anos...

reunião com os sócios do Instituto. Nesse mesmo dia, às 19,30 pregou na 1a. Igreja Presbiteriana a um auditório de 530 pessoas.

A conferência pronunciada no Instituto de Educação foi gravada e será retransmitida pela "Rádio Clube" de Rio Claro.

Está sendo organizada em uma das livrarias da cidade uma vitrine sòmente com livros e folhetos do Rev. Miguel Rizzo.

A preparação para todo êsse trabalho foi cuidadosamente feita pela Presidente do Instituto, Srta. Ana Alice Fraga Benevenuto. Fêz ela um trabalho admirável. Apresentamos-lhe aqui nossos louvores.

Estampamos hoje algumas fotografias dêsse movimento. Em uma delas: na que fixa a mesa que presidiu os trabalhos, aparece a da Presidente do Instituto.

———)•(———

TESOUROS

Jesus Cristo, no Evangelho
segundo Mateus, capítulo 6

"Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões solapam e roubam.
Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não solapam nem roubam.
Porque onde estiver o vosso tesouro aí estará também o vosso coração".

———)•(———

Quando nos guiam por preceitos, o caminho é longo; o exemplo abrevia-o e fortifica-nos.

— ***Sêneca***

DOGMA'TICA EVANGE'LICA

J. Goulart

Foi sob agradável impressão que terminei a leitura da Dogmática Evangélica, valioso tratado com que o experimentado mestre, Alfredo Borges Teixeira, vem de enriquecer a bibliografia protestante do Brasil. Não tenho o propósito, nesta despretenciosa apreciação, de fazer a crítica do valioso tratado de teologia, o qual vem, de maneira digna e honrosa para a Igreja Evangélica Nacional, preencher uma grande lacuna.

Nos dias atuais tão minados por ideais e teorias eivadas de modernismo e repletas de criações originais e estranhas ao conteúdo das Escrituras e às tradições doutrinárias da Reforma, constitui um rasgo de coragem e uma afirmação de convicções fortes a publicação de uma obra que se mantém leal e decididamente ao lado dos velhos princípios da fé cristã pura, e imune dos conceitos heréticos que por aí polulam.

Mas não se pense que, assim falando, estejamos logo de saída elogiando uma obra moldada sôbre velharias e desconhecedora das mais recentes opiniões dos mais famosos campeões do pensamento evangélico moderno. O que causa mesmo espanto é que um homem de tão avançada idade, como o rev. Teixeira, esteja perfeitamente em dia com o pensamento de um Barth, para repudiar a sua teoria sôbre a inspiração da Bíblia ou sôbre a salvação universal, bem como a cristologia existencialista de um Niebuhr, sempre usando uma linguagem rigorosamente cavalheiresca, como esta: "Não duvidamos de que os teólogos existencialistas possam manter a sua fé com essa nova teologia; entendemos, porém, que essa não é a verdadeira teologia cristã e que a fé não pode ser mantida geralmente fora dos "padrões históricos" que êles julgam absurdos".

E' isto que precisamos: de uma autoridade nossa, autônoma, inteligente, destemerosa, que sustentasse os "padrões históricos", não caprichosamente, sectariamente, mas à vista de um exame desapaixonado, lógico, escriturístico, tudo apoiado numa exegese sadia e num raciocínio claro.

O rev. Teixeira teve um grande mestre, que foi o dr. John R. Smith. Tem a impressão, às vêzes, quem também foi discípulo daquele

teólogo ,de estar ainda diante daquele vulto gigantesco, sob aquêle olhar penetrante, aquela palavra autorizada, de quem não apenas citava, mas tirava o seu ensino de um coração profundamente convicto. Mas o rev. professor Alfredo Teixeira não está repetindo Smith, nem Shedd, nem Hoddge, nem Strong, nem qualquer outro, senão apresentando a sua opinião, sem dúvida iluminada por muitos autores, mas expressa em têrmos passados pela sua mente e expressivos de sua própria fé.

Encontra, é verdade, a miúde, nas expressões de Oosterzee e de Brunner uma correspondência com a sua interpretação ou definição de pontos delicados da delicada matéria, mas é apenas um modo ou maneira modesta de apoiar as suas conclusões.

Em tôda a volumosa obra, que não deixa de ser grande por ser admiràvelmente sintética, nota-se o empenho do autor em fugir dos extremos, em buscar, através de confrontos, o que há de certo ou razoável nas diferentes opiniões, para, valendo-se dos mesmos confrontos, deixar claro o seu pensamento e firmar uma definição aceitável e confortadora. Confortadora para os que foram criados na fé singela e verdadeira do Evangelho e observam as deturpações, as invenções, as criações absurdas e pedantescas de uma erudição pretenciosa, filha do orgulho humano ou de uma falsa sabedoria.

Vale-se o autor constantemente dos nossos símbolos de fé, ou seja, a Confissão e os Catecismos de Westminster. Estas citações, porém, passam, igualmente, pelo crivo de uma crítica sensata. Ninguém pode ter como infalível qualquer produto humano. Todavia merece o maior respeito a fórmula criada pelo esfôrço verdadeiramente hercúleo e realizado no ambiente mais propício de todos os tempos, que foi aquela célebre assembléia. Passível de retoques, pode-se afirmar que é justamente o afastamento dela o que tem levado muitos a divagações que se encontram inteiramente fora da letra e do espírito da Palavra de Deus.

Não é possível, numa notícia de imprensa, salientar-se os pontos mais interessantes de um compêndio de teologia. A Dogmática Evangélica pecorre todo o currículo da matéria, com a vantagem, me parece, de oferecer tudo numa síntese admirável. Sou apaixonado da síntese. Julgo, pois, acertado o método do autor, o qual evitando, quanto possível, digressões fastidiosas sôbre escolas e correntes, não deixa de apontar o essencial e de fornecer ao estudante um ponto seguro de apôio para investigações mais detalhadas. Serve essa obra tanto para leigos, como para escolas de teologia ou institutos de educação religiosa. Mais ainda. Nenhum leitor interessado no conhecimento sistemático das doutrinas reformadas deixará de apreciar e entender o livro do prof. Teixeira. Linguagem fluente, clara ,elegante, numa apresentação sugestiva e in-

teressante da matéria lògicamente encadeada, com lembretes convenientes no início de novos capítulos ou assuntos, tudo obriga o leitor a persistir na leitura em busca de conclusões que todos desejam ou de confrontos com o que já possuímos. De minha parte confesso que não pude discordar do autor, a não ser numa ou noutra forma de expressão. Uma delicadeza talvez excessiva, um empenho constante de não ofender a idéia oposta ou de não magoar os adéptos de uma doutrina errada ou de uma interpretação diferente.

Não sei bem por que, não gosto muito da expressão Dogmática Evangélica. Gostaria mais dos velhos têrmos — Compêndio de Teologia, ou, se a modéstia do autor reclamasse — Manual de Teologia. Talvez manifestação subconsciente de minha ogeriza pelo modernismo... Ou, quem sabe, a prevenção que alimentamos pelo dogmatismo revoltante de credos absurdos.

Como ficou dito, não presumo autoridade para fazer a crítica do livro. Outros o farão. Desejo, apenas, recomendar a quem comungar comigo ou desejar a opinião de um modesto estudioso da teologia, uma obra digna de tôda a nossa gratidão e que, sobremodo, honra o velho mestre presbiteriano, discípulo, sem dúvida de Calvino, mas pensador e crente escravo sòmente de Jesus Cristo.

NOSSA CAPA

O desenho que aparece nela tem um traço original. Em tôdas as pinturas que representam o presépio vê-se uma criança no berço. No clichê que ora publicamos não há isso.

O artista que fêz o desenho explica: não temos nenhum retrato autêntico de Jesus, por isso mesmo, tôdas as gravuras que dêle se fazem são falsas. Firmado nesse conceito, que é real, o artista não quis pintar uma criança como se fôsse Cristo.

No entanto, o Mestre declara que é a luz do mundo. Representá-lo assim simbòlicamente é, pois, perfeitamente razoável. Exatamente êsse é o conceito que aparece no quadro. Em vez de se encontrar ali uma criança o que se distingue é um esplendor de luz.

O artista é o sr. Augusto Esteves que, várias vêzes tem ilustrado as páginas desta revista. A êle nossos agradecimentos.

OUÇA

NA

RÁDIO COPACABANA

DO

RIO DE JANEIRO

ZYP-20 — Ondas médias — 680 Kcs.

ZYP-27 — Ondas curtas — 4.975 Kcs.
(60,3 mts)

às têrças, quintas e sábados às 21,03
(vinte uma horas e três minutos)

programa
"Realidades Espirituais"

ouça ainda

às 5as. feiras, das 18,15 às 18,35 o

programa "Inspiração"

do Instituto de Cultura Religiosa do Rio de Janeiro

As preleções são feitas pelo Rev. Miguel Rizzo Jr.

Para Você

Alimente bem a sua Mente e Espírito lendo o melhor

SOZINHA

Miguel Rizzo

Cr$ 20,00

MANTO DE PÚRPURA

Miguel Rizzo

Cr$ 30,00

ALÉM DO VÉU

Miguel Rizzo

Cr$ 30,00

PRÉCE DIVINAL

Miguel Rizzo

Cr$ 25,00

—o0o—

RESERVE AGORA O SEU EXEMPLAR DO LIVRO

JESUS CRISTO

MIGUEL RIZZO

Cr.$ 70,00

Caixa postal, 7.203

CAPITAL — São Paulo

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritórrio de ADVOCACIA

DR. AGUINALDO COSTA

(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro — Docente livre da Fac. Nacional de Direito)

Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299

RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES

MOLÉSTIAS DE SENHORAS

Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605

SÃO PAULO

ÓTICA GARCIA

PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos

RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO

AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda.

ENGENHEIROS

CLOVIS F. FRANCO e *CARLOS F. FRANCO*

Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578

SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA

ADVOGADO

CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA

ADVOCACIA EM GERAL

Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2

Fone 35-3311 — São Paulo

DR. SALVADOR FARINA FILHO

ADVOGADO

Ministro do Evangelho

Escritório:
Atende-se das 10 às 12 horas
Praça da Sé, 371 — 3.º andar, s/316
Telefone: 33-9052
São Paulo — Capital

Residência:
Rua Talhado n.º 16
Travessa — casa 5
Ônibus 122
São Paulo — Capital

ATENÇÃO

Faça seu terno Sob Medida e pague em 10 pagamentos — Confecções finas para Homens — Variado sortimento e um completo mostruário de tecidos de tôdas as procedências.

ALFAIATARIA IMPERIAL

Sátilas Pires do Amaral

Rua Rubino de Oliveira, 83 S/Loja — Sala 1
Fone: 9-7252 (Chamar) — São Paulo

DR. ÂNGELO FARINA

CIRURGIÃO DENTISTA

Ministro do Evangelho

CONSULTÓRIO: Praça da Sé.

Rua Barão de Paranapiacaba, 25 — 6.º andar — Conj. 2.
Das 9 às 11,30 e das 13 às 19 horas

DR. NEWTON DE BARROS MADUREIRA

CIRURGIÃO DENTISTA

Moléstias da bôca — Tratamento Clínico e Cirúrgico — Reabilitação oral.

Consultas: Das 9 às 12 e das 14 às 20 horas
Rua General Jardim, 228, Apto. 22 — Tel. 34-4697 — S. PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——

Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 6.º - conj. 602 — Fone: 32-9664
SÃO PAULO

ÚLTIMAS NOVIDADES

HARSANYI, Zsolt — A vida de Galileu (O contemplador de Estrêlas) 590 págs. Broch. Cr$ 150,00.

HERMANN, Paul — A conquista do mundo (História das primeiras descobertas e explorações) Broch. 380 págs. Cr$ 160,00.

KELLER, Werner — E a Bíblia tinha razão... (Os arqueólogos arrancam às dunas do deserto os testemunhos da verdade das histórias bíblicas) 367 págs. Broch. Cr$ 160,00.

LA SAINTE BIBLE traduite en français sous la direction de l'Ecole Biblique de Jérusalem. Com Intr. e Notas. Enc. Cr$ 470,00.

LE JOURNAL DU MONDE (A história do mundo em forma de jornal) 52 N.os, 1.500 artigos, 800 ilustrações. Br. 210 págs., 1 vol., tamanho grande, Cr$ 360,00.

PEALE, Norman Vincent — O Poder do pensamento positivo — 271 págs. Broch. Cr$ 90,00.

QUEIROZ, Erodice — Porque deixei a indústria do crime (Narrativa de Narciso Lemos de Almeida) 113 págs. Broch. Cr$ 50,00.

SHOLEM, Asch — O Profeta — 339 págs. Broch. Cr$ 120,00.

STANLEY JONES — O Caminho (Meditações diárias) 364 págs. Broch. Cr$ 120,00.

TEIXEIRA, Rev. Alfredo Borges — Dogmática Evangélica — 334 págs. Broch. Cr$ 150,00.

Variado estoque de Bíblias e Novo Testamento.

Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Líbero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

Alfaiataria Mancini

COMPLETO SORTIMENTO de casimiras e linhos das melhores procedências

Serviço esmerado. Preços sem concorrência

Serzidos invisiveis. Vendas a vista *e* a prazo

MATRIZ : Rua da Fábrica, 29, fone 204
SÃO MIGUEL PAULISTA - S. P.

FILIAL : Largo da Misericórdia, 14, 1.º andar, sala 1, fone 36-0736
CAPITAL - S. P.

REAIS DESCONTOS AOS EVANGÉLICOS

Joalheria Holanda

Uma organização de evangélicos para servir aos evangélicos.

Executa-se qualquer serviço em ouro, platina e pedras preciosas.

Fabricação própria de jóias e relógios.

Limpesa, concerto e regulagem de relógios em poucos minutos com garantia de 5 anos.

Os melhores preços da praça. Visite-nos

Rua Barão de Itapetininga, 120 — 7.º andar, salas 714/5 — Telefone: 36-1915.

Responsáveis: IOMAR e DANIEL

HISTÓRIA GERAL DA BIBLIA — Comentário

Galdino Moreira — Broch. Cr$ 250,00

e

Jorge Lyra — Enc. Fina Cr$ 350,00

É a obra mais importante para dar uma visão geral da Biblia: Do Gênesis ao Apocalipse.

NO PRELO

CATOLICISMO ROMANO

Autor: Jorge Lyra

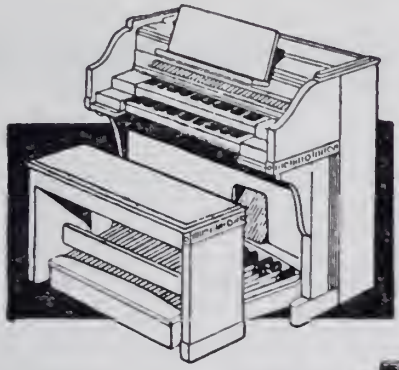
Prefácio: Galdino Moreira

Réplica ao livro "Aos Irmãos Separados" do professor Eurípedes Cardoso de Meneses.

Pedidos ao Autor.

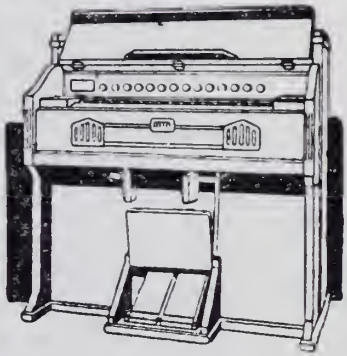
Rua Gal. Andrade Neves, 51 — NITERÓI — Tel. 27-637

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços - são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S A

R. 24 DE MAIO, 242 ★ C. POSTAL 568 ★ S. PAULO

Uma assinatura de ÚNITAS para 1959,
eis o melhor presente.

ASSINATURA PRESENTE

1. Nome:.....

Endereço:.....
Rua Cidade Estado

2. Nome:.....

Endereço:.....
Rua Cidade Estado

3. Nome:.....

Endereço:.....
Rua Cidade Estado

4. Nome:.....

Endereço:.....
Rua Cidade Estado

5. Nome:.....

Endereço:.....
Rua Cidade Estado

A

CASA PUBLICADORA BATISTA

vende os melhores livros pelos menores preços. Faça uma visita à nossa filial mais próxima.

Eis os seus endereços:

BELO HORIZONTE	— Rua Ponte Nova, 716
BELÉM	— Edifício Palácio do Rádio, apt. 403
CAMPOS	— Rua Dr. Lacerda Sobrinho, 20
CAMPO GRANDE	— Av. Mato Grosso, 1.137
GOIÂNIA	— Rua Sete de Setembro, 45 A
JOÃO PESSOA	— Av. Presidente Vargas, s/n
MANAUS	— Av. Joaquim Nabuco, 2.015
PÔRTO ALEGRE	— Rua Cristovão Colombo, 1.158
RECIFE	— Rua Gervásio Pires, 55 (B. Vista)
SALVADOR	— Rua Sete de Setembro, 275
SÃO PAULO	— Av. São João, 816-820
MATRIZ	— Rua Paulo Fernandes, 24 — C. P. 320 Rio de Janeiro.

CASA PUBLICADORA BATISTA, a editôra evangélica pioneira do ramo no Brasil. Meio século de existência, espalhando pelo Brasil e pelo mundo uma literatura para construir!

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL — C. P. 320 — Rio
Rua Paulo Fernandes, 24 — Caixa postal 320

INSTITUTO MACKENZIE

RUA MARIA ANTONIA, 403 —— SÃO PAULO

Entre as atividades extra-curriculares que o Departamento Cultural está promovendo, conta-se a Orquestra Universitária Mackenzie. Esta fotografia foi tomada no primeiro ensaio. Hoje, cinco meses depois, a O.U.M. já conta com mais do dôbro dos instrumentistas com que começou.

Composta e impressa na IMPRENSA METODISTA — São Bernardo do Campo - SP.

For use in library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01471 8813